

---

Leonardo Mendes



# “Leitura para Homens”: Pornografia, Naturalismo e Modernidade na *Belle Époque*

---



**“Leitura para Homens”:**  
**Pornografia, Naturalismo e Modernidade na**  
***Belle Époque***



**Leonardo Mendes**

**“Leitura para Homens”:  
Pornografia, Naturalismo e Modernidade na  
*Belle Époque***



**Copyright © Leonardo Mendes**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

Leonardo Mendes

**"Leitura para Homens": Pornografia, Naturalismo e Modernidade na Belle Époque. Coleção Labelle. Vol. 9.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 103p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-2298-1 [Impresso]**  
**978-65-265-2299-8 [Digital]**

1. Naturalismo. 2. Pornografia. 4. Modernidade. 5. Belle Époque. I. Título.

---

CDD – 800

**Capa:** Marcos Della Porta

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828

**Revisão:** Ana Maria Bernardes de Andrade

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Editorial da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barencro de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2025

## Apresentação

Em maio de 2025, o LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* completou seus primeiros dez anos. Como desconfiamos, num país desigual e que pouco valoriza a pesquisa em ciências humanas, isso não é pouca coisa. Foi uma década pautada por muito trabalho, em sintonia com a intensa atividade dos professores, investigadores e alunos que integram o grupo.

A nosso ver, não haveria forma mais eloquente de celebrar essa efeméride que convidando os membros do LABELLE a publicizarem ensaios relevantes de sua autoria. Foi justamente com esse propósito que a coleção *Ensaio* foi concebida, planejada e conduzida, em parceria com a Pedro & João Editores.

Como o leitor perceberá, os títulos abordam temas situados temporal e espacialmente, com vistas a aprimorar, quando não problematizar, certas perspectivas relacionadas aos estudos em torno do que se convencionou chamar de “Pré-Modernismo” e/ou *Belle Époque* – quer dizer, o período aproximado entre as décadas de 1870 e 1920, no Brasil.

Colaboradores de diversas instituições analisam exaustivamente a atuação cultural e a produção literária de escritoras e escritores. A pluralidade dos temas e dos métodos de abordagem é emblemática: dialoga com a diversidade que sempre caracterizou o Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque*. Essa variedade certamente responde pelo êxito dos eventos promovidos e realizados por este grupo de estudos, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Todos os títulos da coleção serão disponibilizados simultaneamente no portal do LABELLE e no site da Pedro & João, casa editorial que prontamente acolheu o projeto. Somos muito gratos a Pedro Amaro e João Rodrigo, pelo intenso

diálogo e troca de ideias que permitiram aquilar o impacto visual dos *ebooks*. Agradecemos igualmente aos colegas que nos confiaram seus trabalhos.

Creamos que esses livros desempenham diversos papéis, sobremodo dois: (1) o de mostrarem que, afora alimentar o prazer da leitura, a arte literária pode estimular a reflexão sobre as instituições, ou seja, o que está aí e precisa ser constantemente repensado; (2) o fato de que os coletivos geram maior energia e impacto que a pesquisa de seres isolados devido às contingências que induzem a competição entre pares e a concorrência entre colegas de trabalho, embora os interesses sejam os mesmos...

Esperamos que os títulos da coleção *Ensaio* sejam um modo eficaz e eficiente de engajar seus leitores, trazendo-os para a arena do combate cultural e político. Como se vê, as tarefas não são modestas; nem as ambições, pequenas. Por sinal, elas reforçam o empenho do LABELLE em promover os estudos de caráter interdisciplinar em torno dos objetos literários, derivando daí o propósito de estimular o diálogo entre a literatura e as outras artes – situadas em tempos e lugares que carregam traços identificáveis das tensões brasileiras, ainda hoje.

*Carmem Negreiros &  
Jean Pierre Chauvin*

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>9</b>
<b><i>A Gazeta de Notícias e a Popularização da Pornografia Pós-1870.....</i></b>	<b>11</b>
<i>Gazeta de Notícias.....</i>	19
Biblioteca Galante .....	23
<b><i>Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica...</i></b>	<b>45</b>
A literatura de Caliban .....	48
A coluna “O Filhote” e o <i>Álbum de Caliban</i> .....	55
O sucesso de Caliban .....	60
<b>Zola como referência pornográfica no Brasil .....</b>	<b>65</b>
A celebridade de Zola no Brasil .....	69
<b><i>O aborto, de Figueiredo Pimentel, e a ascensão do impresso popular erótico .....</i></b>	<b>81</b>
Pedro Quaresma e o mercado do impresso popular erótico.82	82
<i>O aborto</i> como impresso popular erótico .....	87
<b>Considerações finais .....</b>	<b>101</b>
<b>Sobre o autor .....</b>	<b>103</b>



## Apresentação

Este volume reúne cinco estudos publicados originalmente entre 2017 e 2021. Desses textos, dois foram publicados em inglês, traduzidos e adaptados por mim para compor esse volume: “Zola as a Pornographic Point of Reference in Late Nineteenth-Century Brazil”, publicado em 2018 na revista *Excavatio* (Universidade de Alberta, Canadá); e “O Aborto and the Rise of Erotic Popular Print in Late Nineteenth-Century Brazil”, que apareceu como capítulo do livro *Comparative Perspectives on the Rise of the Brazilian Novel*, organizado por Sandra Vasconcelos e Ana Cláudia Suriani da Silva e publicado em Londres em 2020. A esses juntaram-se dois artigos publicados na revista *O Eixo e a Roda* (UFMG): “Álbum da Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Primeira República”, em 2017; e “Coelho Neto canibal: pseudônimos shakespearianos e literatura licenciosa no Brasil (1890-1940)”, em 2021. Por fim, foi acrescentado um artigo publicado em 2020 na revista *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies* (King’s College, Inglaterra): “Biblioteca Galante: a *Gazeta de Notícias* e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870”.

A reunião dos cinco textos numa sucessão de quatro capítulos, refundidos e revisados para retirar redundâncias, atualizar reflexões e bibliografia, oferece um quadro do fenômeno da “leitura para homens” na *Belle Époque*, um nicho popular do mercado de literatura erótica do período, perceptível como categoria mental e comercial até a década de 1930. Observamos algumas dimensões do fenômeno, como a atuação da imprensa liberal para normalizar a circulação de pornografia publicando colunas apimentadas nos periódicos e livros eróticos a preços módicos. Da literatura produzida na imprensa saíram “obras para homens” de autores famosos,

como Olavo Bilac e Coelho Neto, que estudamos nos capítulos 1 e 2. O naturalismo se destaca nos capítulos 3 e 4. Vemos o protagonismo do escritor francês Émile Zola como símbolo internacional do naturalismo, para o bem e para o mal, e sua repercussão no Brasil como autor de “leitura para homens”. Por fim, estudamos o romance naturalista *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel, propondo ser ele mais bem compreendido como um *best-seller* na ascensão do impresso popular erótico na *Belle Époque*.

O fenômeno da “leitura para homens” revela a existência de um dinâmico mercado de livros eróticos e populares na *Belle Époque* luso-brasileira. Vários livros dessa produção foram *best-sellers* no fim do século, amados pelo público e odiados por pais e padres, implicando milhares de leitores ávidos por livros e leitura. Com vendas acima de 5 mil exemplares em curtos intervalos de tempo, esses livros, que incluíam romances naturalistas, foram as primeiras manifestações do fenômeno da literatura de massa no Brasil. Essas obras foram ignoradas e até combatidas porque escapavam a conceituações nacionalistas de subjetividade e a definições clássico-românticas de literatura como arte austera, superior e edificante. Seu estudo revela os contornos de uma cultura moderna de leitura no Brasil, na qual a ficção naturalista se destacava. Sobretudo, revela uma *Belle Époque* mais dinâmica, popular e liberal do que aparece na historiografia canônica.

## *A Gazeta de Notícias e a Popularização da Pornografia Pós-1870<sup>1</sup>*

No Brasil, a década de 1870 marca o início da transição entre a Monarquia e a ascensão desordenada da chamada modernidade republicana.<sup>2</sup> Um local privilegiado de verificação dessa modernidade é o mundo dos livros e da leitura. O país venceu a Guerra do Paraguai, mas o sistema monárquico, assentado na monocultura do café e na mão de obra escrava, entrou em declínio, culminando no fim da escravidão legal em 1888 e na deposição de D. Pedro II em 1889. Essas rupturas foram o pano de fundo de mudanças culturais que incluíam a disseminação da leitura e da cultura impressa. Aparecem o jornal barato e o livro popular, novas tipografias e livrarias.<sup>3</sup> Ocorre um desenvolvimento das atividades de impressão, leitura e edição, criando as bases da industrialização do mercado livreiro no Brasil, com reflexo na produção de literatura erótica.<sup>4</sup> Multiplicam-se o número e o formato de jornais e periódicos.<sup>5</sup> Por uma pequena taxa, impressos podiam

---

<sup>1</sup> Este capítulo foi originalmente publicado como um artigo revisado pelos pares na revista *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, Londres, v. 9, n. 1, p. 239-258, 2020. Com a permissão do editor-chefe, ele foi reformulado para retirar redundâncias e se encaixar no encadeamento dos capítulos.

<sup>2</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. *Tempo*, v. 13, n. 26, p. 15-31, 2009.

<sup>3</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; DEAECTO, Marisa Midore. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011.

<sup>4</sup> MORAES, Eliane Robert. O império da alusão. In: \_\_\_\_\_ (org.). *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. Recife: Cepe, 2018.

<sup>5</sup> SCHETTINI, Cristiana. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UNICAMP,

ser enviados pelo correio para qualquer endereço válido no Brasil, aproveitando as rotas de navegação e comércio ao longo da costa e sistemas ferroviários na Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.<sup>6</sup>

Apesar das taxas de analfabetismo em 1880 e 1890, de 50% na cidade do Rio de Janeiro e cerca de 80% no resto do país,<sup>7</sup> ocorre uma expansão e especialização do mercado editorial, com as primeiras manifestações do fenômeno de literatura de massa e o aparecimento dos primeiros *best-sellers* no Brasil, com vendas acima de 5 mil exemplares em curtos intervalos de tempo. Uma sociedade científica, menos reservada e rígida, se configura a partir de 1880, com espaço para o sexo e seus discursos.<sup>8</sup>

Surgem novos nichos editoriais voltados para públicos específicos, como: (I) livros práticos, como o *Manual do namorado* (1894), por D. Juan de Botafogo, pseudônimo de Figueiredo Pimentel (1869-1914), que ensinava a expressar sentimentos e escrever cartas de amor;<sup>9</sup> (II) livros sensacionalistas, curtos e fáceis de ler, como o romance de sensação *Elzira, a morta virgem* (1883), de Pedro Ribeiro Viana;<sup>10</sup> (III) livros para crianças, como *Contos da Carochinha* (1894), adaptados por Figueiredo Pimentel;<sup>11</sup> e (IV) livros pornográficos, foco de interesse deste

---

Campinas, 1997; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

<sup>6</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

<sup>7</sup> FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, 2002.

<sup>8</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

<sup>9</sup> EL FAR, Alessandra. *A linguagem sentimental das flores e o namoro às escondidas no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2022.

<sup>10</sup> Idem, op. cit., 2004.

<sup>11</sup> LEÃO, Andréa Borges. *Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890-1915)*. Fortaleza: INESP; UFC, 2012.

estudo, a chamada “leitura para homens”, como o romance naturalista *O aborto* (1893), também de Figueiredo Pimentel, ao qual, por sua importância como livro erótico na *Belle Époque*, dedicamos um capítulo à parte.<sup>12</sup> Surge uma faixa reconhecível do mercado livreiro voltada aos impressos pornográficos.

Além de “leitura para homens”, havia outras expressões sensuais e divertidas para designar o mesmo produto, como “leitura alegre”, “livros pândegos” ou “biblioteca do solteirão”. Enormes reclames com ampla oferta de livros apimentados apareciam na terceira ou quarta página dos jornais. As livrarias prometiam uma experiência de leitura capaz de “afugentar os desgostos, desenvolver os nervos e ativar a vontade”.<sup>13</sup> Os livros faziam bem à saúde, pois abriam o apetite e ajudavam a “desenferrujar no tempo frio”.<sup>14</sup> Mais direta no estabelecimento do vínculo dessa literatura com a pornografia e masturbação, a Livraria do Povo vendia “leitura para homens” com o conselho de que o leitor reforçasse “os botões das calças” antes de abrir os livros.<sup>15</sup> O rótulo podia acomodar vários títulos e gêneros, incluindo as literaturas humanistas e libertinas, ficção naturalista, fantasias sobre os hábitos sexuais dos antigos, livros sobre prostitutas famosas, manuais de aconselhamento sexual e uma nova ficção pornográfica originalmente escrita em português para o novo mercado.

No Rio de Janeiro, a Livraria do Povo e a Livraria Moderna atuavam abertamente no mercado de literatura licenciosa, editando e vendendo livros, mas impressos pornográficos

---

<sup>12</sup> MENDES, Leonardo. “Livros para homens”: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 53, p. 173-191, 2016.

<sup>13</sup> LEUTURA ALEGRE. O ABORTO. *A Pacotilha*, Maranhão, 3 jul. 1895, p. 2. Todos os periódicos da *Belle Époque* citados neste livro estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional. Disponível em <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

<sup>14</sup> LIVROS BARATÍSSIMOS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 4 maio 1886.

<sup>15</sup> LIVROS BARATÍSSIMOS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 4, 13 jul. 1885.

também podiam ser adquiridos nas casas mais elitizadas, como a Garnier e a Laemmert. As livrarias dispunham de variada coleção de brochuras pornográficas anônimas, com títulos como *A mulher adúltera: questões da atualidade debatidas pornograficamente*, *Proezas de um clitóris*, *Mexilhões incendiários*, *Contos nervosos que produzem calafrios na espinha dorsal*, *O lupanar das fidalgas libertinas*, *Júlio e Celina ou... não se pode dizer o resto*, *A maneira de tratar as mulheres como elas gostam e merecem*, entre outros. A literatura pornográfica era associada à força vital, à sátira e ao entretenimento. A leitura licenciosa era uma atividade privada e secreta, mas havia agora um nome para designar livros com nudez e atividade sexual, que podiam ser impressos legalmente, anunciados e vendidos a preços módicos.

Havia livros de vários formatos e preços, desde brochuras realistas baratas até volumes caros impressos em papel de boa qualidade. Desde a queda da Monarquia, não havia disposição legal contra a publicação e o varejo de material obsceno. O artigo 282 do Capítulo V do Código Penal Brasileiro de 1890, “Das ofensas públicas ao pudor”, estabelecia pena de um a seis meses de prisão para aqueles que “ofendessem os bons costumes com exibições impudicas, atos ou gestos obscenos, praticados em lugar público ou frequentado pelo público, que ultrajassem e scandalizassem a sociedade”.<sup>16</sup> Não fazia referência a impressos pornográficos, mas isso não significa que a moral social fosse tão liberal. Havia perseguições pontuais a determinadas livros e periódicos, como ocorreu com o jornal *O Rio-Nu*, em 1914. No Brasil, somente em 1924 seriam criadas as primeiras leis de proibição de venda e circulação de material

---

<sup>16</sup> BRASIL. *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil* (1890). Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm)>. Acesso em 19 ago. 2025.

pornográfico.<sup>17</sup> No que tange à produção e circulação de pornografia, a Primeira República foi, portanto, mais liberal do que veio depois.

Apesar de sugerir uma interdição patriarcal, a expressão “leitura para homens” é mais bem compreendida como uma pilhória do comércio livreiro a qual servia para atrair compradores pela sedução do proibido. As livrarias sugeriam abertamente que os livros não eram só para homens. Recados em letras miúdas diziam que as mulheres podiam ler as obras se quisessem ou, ainda, que pessoas de todos os sexos e idades encontrariam algo para seu paladar nas estantes. Mesmo que esse rótulo fosse uma piada, é razoável supor que muitas mulheres se sentiriam intimidadas com ele, mantendo-se afastadas dos livros. Entretanto, há várias evidências de que as mulheres liam e apreciavam literatura pornográfica.<sup>18</sup> Uma anedota comum nas colunas humorísticas dos jornais era a esposa que confessou ao padre ter lido todos os “livros para homens” do marido. Aquelas que se atrevessem a ler, tinham, é claro, de ser discretas.

Neste capítulo, vamos conhecer o papel desempenhado pelo diário carioca *Gazeta de Notícias* na normalização desse mercado e na difusão de literatura pornográfica na *Belle Époque*. O periódico sinalizava o nascimento de uma nova imprensa e foi tremendamente influente no período. Permitir que esse tipo de escrita fosse publicado em suas páginas (ou fosse associado a seu nome) era uma inovação audaciosa e uma importante validação dos discursos sobre o sexo, que não passou

---

<sup>17</sup> CARDOSO, Erika Natasha. “E como não ser pornográfico?”: usos, sentidos e diálogos transnacionais em torno da pornografia no Brasil (1880-1924). Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2019.

<sup>18</sup> MENDES, Leonardo. Mulheres que liam “livros para homens” no final do século XIX. In: AMORIM, Ana Maria; NEUMANN, Gerson Roberto (orgs.). *Histórias da Literatura: entre as páginas da tradição*. Porto Alegre: Class, 2021, p. 266-281.

despercebida por católicos e conservadores. A imprensa conservadora atacava incansavelmente a *Gazeta de Notícias* por difundir pornografia e, ao mesmo tempo, projetar a imagem de jornal sério. Periódicos como *O Apóstolo*, ligado à Diocese do Rio de Janeiro e impresso pela Livraria Católica, acusavam a *Gazeta de Notícias* de ser um jornal ateu e libertino, que publicava pornografia com o único intuito de atrair compradores e aumentar as vendas.<sup>19</sup> Muitos concordavam com essa avaliação.

Mas a boa acolhida e o incremento nas saídas do jornal mostravam que havia um público e um lugar para a pornografia naquela sociedade, apesar da necessidade do encobertamento, da linguagem cifrada e da discrição. Em pelo menos dois momentos de sua trajetória a *Gazeta de Notícias* fez incursões no novo mercado de “leitura para homens”. Em meados de 1878, nos primeiros anos de circulação, a folha publicou a Biblioteca Galante, uma coleção de edições baratas, em papel jornal e baixa qualidade de impressão, de romances bem-sucedidos e publicados recentemente na Europa, cuja popularidade era devida à percepção de que eram licenciosos e pertenciam ao mundo da galanteria; e entre 1896 e 1897, na época de sua maioridade, ao completar 21 anos de existência, a *Gazeta de Notícias* publicou a coluna satírica “O Filhote”, no canto superior direito da primeira página, voltada à veiculação de conteúdo adulto e licencioso, obtendo grande sucesso.

No imaginário dominante de leitura da *Belle Époque*, os escritos que surgiam desses empreendimentos eram chamados de pornografia, mesmo que aos olhos de hoje não pareçam assim. A palavra era conhecida e usada no sentido moderno de representação realista de nudez e sexo criada para causar

---

<sup>19</sup> A GAZETA DE NOTÍCIAS E A PORNOGRAFIA. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, p. 1, 10 jun. 1896.

sensações físicas nos leitores,<sup>20</sup> mas também qualificava qualquer impresso ou assunto (como divórcio ou prostituição) considerados imorais.<sup>21</sup> A marca da pornografia moderna é o sexo gratuito entre corpos ativados e intercambiáveis, concebidos a partir de uma concepção materialista, atomizada e mecânica de homem e de natureza.<sup>22</sup> Numa sociedade pobre de representações de sexo e nudez, a palavra escrita, mesmo que indireta e floreada, bastava para bombear sangue no coração do leitor e acionar sua imaginação licenciosa. Eram representações de atividade sexual consideradas escandalosas e imorais por muitos leitores.<sup>23</sup> É certo que antes da emergência da “leitura para homens” houve pornografia (o romance libertino), mas o dado novo na *Belle Époque* é o barateamento e a massificação dessa literatura.

Outras palavras circulavam na imprensa e nas conversas literárias como sinônimos de pornográfico, tais como erótico, obsceno, lascivo, libertino, galante e – nos circuitos letrados – fescenino, remetendo a uma tradição de poesia erótica e satírica que vinha do cancioneiro medieval português. Alguns escritores da geração romântica, como Laurindo Rabelo, Bernardo Guimarães e Francisco Moniz Barreto, praticaram

---

<sup>20</sup> HUNT, Lynn. Obscenidade e as origens da Modernidade. In: \_\_\_\_\_ (ed.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da Modernidade*. São Paulo: Hedra, 1999, p. 9-46.

<sup>21</sup> CARDOSO, op. cit.

<sup>22</sup> JACOB, Margaret. O mundo materialista da pornografia. In: HUNT, op. cit., p. 169-215.

<sup>23</sup> Para Linda Williams, o primeiro filme pornográfico da história foi a filmagem médica de uma mulher nua pulando, com o objetivo de medir a elasticidade dos seios em relação à gravidade. Até o discurso científico podia ser apropriado pelo espectador/leitor como pornografia. WILLIAMS, Linda. *Hard Core: Power, Pleasure, and the Frenzy of the Visible*. Berkeley: University of California Press, 1999.

esse tipo de poesia obscena.<sup>24</sup> Não havia a distinção (que só passaria a vigorar a partir do modernismo) entre erótico e pornográfico, significando, o primeiro, uma forma implícita e palatável de representação de atividade sexual; e o segundo, sua representação explícita e proibitiva.<sup>25</sup> Não havia fronteiras definidas entre esses vocábulos, e por isso essa distinção não se aplica aos documentos do século XIX. Além disso, na formulação erótico x pornográfico está implícita uma hierarquização em que a pornografia aparece como uma forma inferior de produção cultural, a qual rejeitamos nesse trabalho.

Em vez de um modo de representação que pode ser definido formalmente, a pornografia é mais bem compreendida como um modo de ler.<sup>26</sup> Seria “qualquer forma de expressão que alguém possa achar sexualmente estimulante”,<sup>27</sup> o que evidentemente varia entre pessoas, tempos, classes sociais, gêneros, circunstâncias e lugares. Refere-se a “uma interação entre o leitor e o texto, não ao texto ou à intenção autoral”.<sup>28</sup> No caso da literatura pornográfica, trata-se dos impressos que uma sociedade classifica como perigosos e capazes de despertar a imaginação sexual dos leitores, tornando-se acessórios da masturbação. São os “livros que se leem com uma só mão”, na

---

<sup>24</sup> DANTAS, Luiz Carlos da Silva. *Álbum da rapaziada: o humor obsceno de Francisco Moniz Barreto*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNICAMP, Campinas, 2008.

<sup>25</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola, 2010.

<sup>26</sup> MOULTON, Ian Frederick. *Before Pornography: Erotic Writing in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

<sup>27</sup> BARNETT, Jerry. *Porn Panic: Sex and Censorship in the UK*. Winchester: Zero Books, 2016, p. 12.

<sup>28</sup> THAUVETTE, Chantelle. Defining Early Pornography: The Case of “Venus and Adonis”. *Journal for Early Modern Cultural Studies*, Filadélfia, v. 12, n. 1, p. 46, 2012 (tradução nossa).

expressão usada por Rousseau no século XVIII,<sup>29</sup> ou a popular “leitura para homens” no circuito luso-brasileiro da *Belle Époque*, que escolhemos como título do ensaio. Nossa desafio é compreender como essa literatura podia ser sexualmente estimulante naquela sociedade.

### *Gazeta de Notícias*

O diário carioca *Gazeta de Notícias* foi criado em 1875 pelo jornalista José Ferreira de Souza Araújo, conhecido como Ferreira de Araújo, que o dirigiu até o ano de sua morte, em 1900. O aparecimento do jornal era uma manifestação importante da modernidade republicana, sendo assumidamente abolicionista e favorável à República. Foi o primeiro jornal brasileiro a ser vendido avulso, em quiosques e pelas ruas da cidade, por meninos vendedores, ao preço módico de 40 réis, enquanto o conservador *Jornal do Comércio* saía a 100 réis e só era vendido por assinatura. Foi a primeira folha a se apresentar como imprensa neutra, o que não significava não ter opinião, mas não ter vínculos com grupos de poder ou partidos políticos, como ocorria no jornalismo até então.<sup>30</sup>

A reivindicação de neutralidade permitiu ao periódico de Ferreira de Araújo tornar-se notório e influente na sociedade brasileira da *Belle Époque*, legitimando-se como um “intermediário entre o público e a sociedade política”.<sup>31</sup> Até os concorrentes reconheciham que a *Gazeta de Notícias*, pelo seu alcance e sucesso, onipresente nos bondes, nas esquinas e nas barcas, nos tílburis e nos cortiços, foi o primeiro jornal brasileiro

---

<sup>29</sup> GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se leem com uma só mão*: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

<sup>30</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras*: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. Campinas: UNICAMP, 2004.

<sup>31</sup> BARBOSA, op. cit., p. 98.

a encarnar uma opinião pública.<sup>32</sup> Trazia quatro páginas com oito colunas, em letras menos miúdas do que as do *Jornal do Comércio*. Publicava notícias e reportagens, mas abria espaço destinado a prestação de serviços e entretenimento. Para se manter barato, reservava metade do espaço para publicidade. O aparecimento da *Gazeta de Notícias* e seu sucesso marcavam um processo de democratização da imprensa brasileira.<sup>33</sup>

Parte do sucesso do periódico vinha do investimento em literatura.<sup>34</sup> Ferreira de Araújo era ligado aos homens de letras e tinha aspirações literárias, assinando contos, colunas e editoriais com os pseudônimos Lulu Sênior e José Telha (Fig. 1). Ele era médico de formação e na juventude planejara escrever para o teatro. Olavo Bilac dizia que Ferreira de Araújo encarava o jornalismo como uma forma de poesia.<sup>35</sup> A *Gazeta de Notícias* apoiava as artes e, enquanto circulou, acolheu escritores de várias gerações. Havia espaço para poemas, contos, crônicas e o obrigatório folhetim. Machado de Assis colaborou durante anos e assinava a prestigiosa crônica de primeira página publicada aos domingos, “A Semana”. De Portugal, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão enviavam notícias e crônicas. Ferreira de Araújo também apoiava jovens escritores em ascensão, como Bilac, Coelho Neto, Pardal Mallet, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Adolfo Caminha, entre outros.

---

<sup>32</sup> SIMÕES JR., Álvaro. *A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: UNESP, 2007, p. 188.

<sup>33</sup> MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 8, p. 221-229, 2025.

<sup>34</sup> LIMA, Mariana da Silva. Entre debates e picuinhas: a *Gazeta de Notícias* e a imprensa brasileira na virada do século XIX. *Miscelânia*, Assis (SP), v. 8, p. 10-27, 2010.

<sup>35</sup> BILAC, Olavo. Ferreira de Araújo. In: \_\_\_\_\_. *Vossa insolênciia: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 187.

Fig. 1: Ferreira de Araújo, o Lulu Sênior, proprietário e redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, na charge de Julião Machado.



Fonte: *A CIGARRA*, Rio de Janeiro, p. 1, 6 jun. 1895.

A *Gazeta de Notícias* foi o primeiro jornal brasileiro a remunerar os escritores pelos textos, colaborando com a profissionalização da carreira e com a difusão da ideia de que a escrita era um trabalho como outro qualquer e, como tal, devia ser remunerada. Na década de 1890, Machado de Assis chegava a receber 50 mil-réis por crônica, mas o mais comum era receber metade desse valor, numa época em que o salário médio do funcionalismo público era 300 mil-réis. Um livro de 300 páginas custava em média 3 mil-réis, equivalente mais ou menos ao

valor que um trabalhador especializado (como um ferreiro) receberia por um dia de trabalho. Uma refeição barata numa pensão no centro do Rio de Janeiro ou um ingresso de museu para adultos saíam a 1 mil-réis. Na década de 1890, o escritor catarinense Virgílio Várzea garantia seu sustento no Rio de Janeiro trabalhando como redator para vários jornais ao mesmo tempo,<sup>36</sup> algo impensável antes do aparecimento da *Gazeta de Notícias*. Muitos escritores deviam suas carreiras à exposição e validação obtidas no periódico de Ferreira de Araújo.

Outro fator que contribuiu para o sucesso da *Gazeta de Notícias* foi o investimento no humor. No folhetim do primeiro número, Lulu Sênior reivindica o riso da mocidade irreverente como marca fundacional do periódico e dá conselhos aos jornalistas mais velhos sobre o bem viver: “Se queres viver o que te resta, se queres gozar o que aprendeste, faz como eu que ainda estou aprendendo: alija a pesada carga dos cuidados e rí, que este mundo só é um vale de lágrimas para quem não quer rir”.<sup>37</sup> O mandamento do riso materialista e desiludido como política editorial se apoiava na literatura pagã do Renascimento e na famosa epígrafe de *Gargântua* (1534), de François Rabelais: “Antes risos que prantos descrever, sendo certo que rir é próprio do homem”.<sup>38</sup> A obra de Rabelais era o local em que a cultura letrada testava limites de obscenidade, humor e tolerância.<sup>39</sup> A sátira era um dos canais consentidos da crítica ao

---

<sup>36</sup> MENDES, Leonardo; AMARAL, Alexandre. Virgílio Várzea, escritor naturalista. *Soletrar*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 233-253, 2014.

<sup>37</sup> LULU SÊNIOR [Ferreira de Araújo]. Folhetim da *Gazeta de Notícias*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 2 ago. 1875.

<sup>38</sup> RABELAIS, François. *Gargântua*. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

<sup>39</sup> MENDES, Leonardo; MOREIRA, Aline. Rabelais e a imaginação licenciosa no Brasil oitocentista. *Revell*, Campo Grande (MS), v. 21, n. 1, p. 137-159, 2019.

*status quo*.<sup>40</sup> Era nas seções humorísticas que o leitor da *Gazeta de Notícias* encontrava as críticas mais ácidas à Igreja e à cultura patriarcal. Ferreira de Araújo fazia questão de seções divertidas e ao longo dos anos criou várias colunas que misturavam humor e notícia. “O Filhote”, sobre o qual falaremos no final do capítulo, foi a melhor encarnação do riso rabelaisiano na *Gazeta de Notícias*, mas a fórmula já havia sido testada nas crônicas de “Balas de Estalo”, assim como nas colunas “Macaquinhas no sótão” e “Omnibus”.<sup>41</sup>

## Biblioteca Galante

Desde a década de 1830 os jornais usavam suas tipografias como base de negócio para a produção de livros. Na primeira metade do século, o *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, se destacou na prática.<sup>42</sup> Muitos periódicos seguiram o exemplo. No que se refere à literatura pornográfica, o jornal carioca *O Rio-Nu* publicou várias coletâneas de contos eróticos na virada do século XX.<sup>43</sup> Mas antes disso, em 1878, a *Gazeta de Notícias* havia criado a Biblioteca Galante, uma pequena coletânea de impressos voltados ao novo mercado de “leitura para homens”. O adjetivo “galante” vinha do imaginário libertino e era uma

---

<sup>40</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>41</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e humor nos últimos anos da Monarquia: a série Bala de Estalos*. Dissertação (Mestrado em História Social) – UNICAMP, Campinas, 2005.

<sup>42</sup> SANTANA JR., Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

<sup>43</sup> FERREIRA, Daniel Lira. *Pelas “zonas” da Belle Époque: a literatura pornográfica nos “Contos Rápidos”, do jornal O Rio-Nu*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – UERJ, Rio de Janeiro, 2024.

senha conhecida de conteúdo licencioso na *Belle Époque*.<sup>44</sup> Os principais endereços de venda dos impressos eram a redação do periódico, na Rua do Ouvidor, n. 70; e a sua tipografia, na Rua Sete de Setembro, n. 72, ambos no Centro do Rio. A *Gazeta de Notícias* foi a principal divulgadora das obras da coleção picante, anunciando-as continuamente em meados de 1878.

A Biblioteca Galante seguia a moda da venda de livros em fascículos a preços reduzidos, em papel e encadernação baratos, na trilha da Biblioteca de Algibeira da Livraria Garnier, que vendia romances de Émile Gaboriau e Xavier de Montépin por 1 mil-réis em brochura, ou por 1.500 réis com capa dura. Para efeito de comparação, a mesma livraria vendia os volumes da Biblioteca Universal, que incluía os romances de Machado de Assis, por 2.500 réis em brochura e 3 mil-réis com capa dura.<sup>45</sup> Entre julho e setembro de 1878, a *Gazeta de Notícias* publicou diariamente cadernetas de 15 páginas vendidas a 40 réis cada, o mesmo preço da edição diária do jornal. Um romance que se esgotasse em 20 cadernetas teria 300 páginas e sairia por 800 réis, uma pechincha. O pagamento em 20 ou 30 prestações facilitava a aquisição dos livros.

O primeiro título da Biblioteca Galante foi o romance *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz, recém-publicado pela Livraria Chardron, do Porto. Quando chegou ao Brasil em março daquele ano, a obra obteve um sucesso explosivo. O impacto causado por *O primo Basílio* no público luso-brasileiro foi equivalente ao causado, na França, por *Madame Bovary*

---

<sup>44</sup> Na imprensa oitocentista, “galante” era uma palavra ambígua, dotada de conotações positivas e negativas, a depender do contexto comunicacional. Podia significar elegante, atraente e educado, mas também libertino, devasso e pornográfico. A crônica galante era um eufemismo da vida nos prostíbulos, mas uma mulher (ou criança) galante significava que tinha boas maneiras e exibia apuro no vestir.

<sup>45</sup> SILVA, Ana Cláudia Suriane da. *Machado de Assis's Philosopher or Dog? From Serial to Book Form*. Nova York: Routledge, 2010.

(1857), de Gustave Flaubert, como inauguradores de novas concepções de narrativa ficcional que ultrapassavam limites e narravam o até então inenarrável. O livro, escreveu o contemporâneo Adherbal de Carvalho, “caiu no nosso meio como uma verdadeira bomba de dinamite, fazendo o estrondo mais forte de que há notícia nos nossos anais literários, escandalizando a pacata burguesia, ofendendo a pudicícia dos nossos mamutes intelectuais, da nossa arqueologia literária”.<sup>46</sup>

Assinando com o pseudônimo Eleazar, Machado de Assis reproduziu a opinião resistente dominante, comum entre católicos e conservadores em geral, e condenou a obscenidade do livro, assim como da estética naturalista.<sup>47</sup> A crer em Gonzaga Duque, *O primo Basílio* foi obra famosa e cobiçada entre jovens e adolescentes por seu conteúdo sexual.<sup>48</sup> O escritor confessa que, aos 16 anos, foi atraído pelo livro justamente porque tinha ouvido rumores na escola de que o romance era erótico e excitante. No conto “A chuva” (1888), do escritor catarinense Virgílio Várzea, o narrador guarda seu exemplar do “livro mais querido, *O primo Basílio*, o livro extraordinário”.<sup>49</sup>

A percepção de que *O primo Basílio* era um livro pornográfico era generalizada, e sua reedição na Biblioteca Galante não causaria espanto aos contemporâneos. Como sabemos, o naturalismo era considerado uma forma de pornografia, até entre os letrados.<sup>50</sup> Mesmo que os autores

---

<sup>46</sup> CARVALHO, Adherbal. *O naturalismo no Brasil*. Maranhão: Júlio Ramos & Ed., 1894, p. 145-146.

<sup>47</sup> ELEAZAR [Machado de Assis]. Folhetim do Cruzeiro – Literatura realista – *O Primo Basílio*, romance do Sr. Eça de Queirós – Porto – 1878, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 1. 16 abr. 1878.

<sup>48</sup> DUQUE, Luiz Gonzaga. *O primo Basílio*: notas sobre um fato. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 7-12, 1900.

<sup>49</sup> VÁRZEA, Virgílio. A chuva. In: \_\_\_\_\_. *Contos completos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2003, tomo I, p. 294.

<sup>50</sup> MENDES, Leonardo; MENDES, Thales Sant'ana Ferreira. *A carne*, de Júlio Ribeiro: *best-seller* naturalista, romance libertino e “livro para homens”. In:

vissem suas obras como estudos sérios e moralizadores, o mais comum era que fossem apropriadas por livreiros e grande público como literatura burlesca e libertina, com cenas realistas de nudez e sexo que não eram fáceis de encontrar em outro lugar, a preços acessíveis. A tragédia naturalista da mulher decaída<sup>51</sup> (Luísa morre ao final do romance) não turvava o conhecimento carnal adquirido na leitura, especialmente o sexo oral de Basílio em Luísa no “Paraíso”, chamado de “minete” na gíria da época.<sup>52</sup> Em Portugal, o livro foi rotulado de pornográfico.<sup>53</sup> Todos sabiam o número da página da cena, comprovando que a descrição de atividade sexual era o principal atrativo do livro.<sup>54</sup> O leitor podia pular etapas e ir diretamente a ela, como ocorre na leitura pornográfica.<sup>55</sup>

Na edição de 24 de julho de 1878, a *Gazeta de Notícias* anunciou o início da publicação dos volumes da Biblioteca Galante. Nas semanas seguintes, as cadernetas d'*O primo Basílio* acompanharam diariamente as edições do jornal. Antevendo críticas à qualidade da edição, a *Gazeta de Notícias* apontava o preço baixo como benefício: “A impressão é boa, quanto o pode ser uma edição barata”. Três semanas depois já era possível formar o primeiro volume d'*O primo Basílio*, que fora dividido em dois. No início de setembro, as novas cadernetas foram reunidas no segundo volume. Havia a opção de comprar os volumes brochados por 1 mil-reis cada. As brochuras foram

---

OLIVEIRA, Ana Lúcia M.; CORREIA, Éverton; CARNEIRO, Flávio (orgs.). *De Antônio Vieira aos contemporâneos: reflexões sobre literatura e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2024, p. 97-120.

<sup>51</sup> BAGULEY, David. *Naturalist Fiction: The Entropic Vision*. Cambridge: Cambridge UP, 1990.

<sup>52</sup> CUROPOS, Fernando. Eça de Queiroz “pour hommes”. *Moderna Sprak*, v. 113, n. 1, 2019, p. 193.

<sup>53</sup> BRUNO, Sampaio. *A Geração Nova*. Porto: Magalhães & Moniz, 1886, p. 186.

<sup>54</sup> DUQUE, Luiz Gonzaga. *O primo Basílio*: notas sobre um fato. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 7-12, 1900.

<sup>55</sup> MAINGUENEAU, op. cit.

enviadas a periódicos e livrarias de outras capitais, que agradeceram o envio e apresentaram a publicação. A nota de agradecimento dos jornais era um importante reclame do mercado de livros no período.

O jornal carioca *A Reforma: Órgão Democrático* agradeceu a cortesia e louvou a iniciativa editorial da Biblioteca Galante, que punha “ao alcance das bolsas menos providas esse belo romance cujo sucesso é sem igual entre nós”.<sup>56</sup> O sentido de popularização da literatura (considerada obscena) é central no elogio. A *Gazeta de Notícias* tinha consciência do seu papel de popularizadora do livro e da leitura: “É inegável que essas publicações a baixo preço prestam importante serviço no desenvolvimento do gosto literário”, anotou o editorialista no lançamento da Biblioteca Galante.<sup>57</sup> Desse ponto de vista, a *Gazeta de Notícias* estava barateando e democratizando a pornografia. No Rio de Janeiro, além dos endereços do jornal, as brochuras podiam ser adquiridas nas livrarias e papelarias da cidade. Comerciantes de folhetos, libretos e ingressos teatrais também vendiam os impressos, mostrando que além das livrarias, outros estabelecimentos distribuíam “leitura para homens”.

As primeiras cadernetas do segundo livro da Biblioteca Galante apareceram dias depois d’*O primo Basílio* e traziam a reedição de outro romance de Eça de Queiroz: *O crime do padre Amaro* (1877), da mesma Livraria Chardron. O autor português podia alegar, como alegaram todos os escritores naturalistas, que a obra era séria e moralizadora, mas a apropriação do romance como pornografia anticlerical foi prática comum no fim do século.<sup>58</sup> Quando Eça de Queiroz morreu, Artur

---

<sup>56</sup> A EMPRESA DA BIBLIOTECA GALANTE. *A Reforma: Órgão Democrático*. Rio de Janeiro, n. 175, p. 31, 3 ago. 1878.

<sup>57</sup> A BIBLIOTECA GALANTE. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 202, p. 1, 24 jul. 1878.

<sup>58</sup> MENDES, Leonardo. *O aborto*, de Figueiredo Pimentel: naturalismo, pedagogia e pornografia no final do século XIX. In: MENDES, Leonardo;

Azevedo reconheceu o talento do escritor, mas assinalou que *O crime do padre Amaro* não era leitura para senhoras.<sup>59</sup> Numa reação comum no Brasil e em Portugal, o folhetinista Fausto D'Altemira defendeu a impugnação do livro com acusações semelhantes às lançadas contra a pornografia: “leitura perniciosa de maus costumes, de vícios nauseativos, de ideias em antagonismo com a moral”.<sup>60</sup>

A tensão sexual do romance tinha na moldura religiosa um componente clássico da pornografia: o anticlericalismo, o horror às Igrejas e às religiões, padres e feiras lascivos, a dessacralização dos espaços religiosos (conventos e confessionários) com a descrição de atividade sexual.<sup>61</sup> O padre sem fé do naturalismo era um herdeiro do padre devasso dos *fabliaux* medievais e das literaturas humanista e libertina.<sup>62</sup> *O crime do padre Amaro* era um candidato natural à Biblioteca Galante. A publicação terminou no começo de setembro e totalizou 35 cadernetas. Reunidas, formavam um volume de mais de 500 páginas, ao preço final de 1.400 réis, com a opção de comprar o volume brochado por 1.500 réis. Para as províncias havia a opção de envio pelo correio por 2 mil-réis.

A publicação das cadernetas repercutiu mal em Portugal, pois eram mais baratas do que as edições da Livraria Chardron. Para efeito de comparação, no Rio de Janeiro, a Livraria Luso-Brasileira vendia as edições portuguesas d'*O crime do padre*

---

CATHARINA, Pedro Paulo. *Figueiredo Pimentel: um polígrafo na Belle Époque*. São Paulo: Alameda, 2019, p. 261-349.

<sup>59</sup> ELÓI, O HERÓI [Artur Azevedo]. Croniqueta. *A Estação*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 94, 31 ago. 1900,

<sup>60</sup> D'ALTEMIRA, Fausto. Folhetim. *Diário de Belém*: folha política, noticiosa e comercial, Belém, n. 158, p. 2, 15 jul. 1883.

<sup>61</sup> PEAKMAN, Julie. *Mighty Lewd Books: The Development of Pornography in Eighteenth-century England*. Nova York: Palgrave, 2003.

<sup>62</sup> LADENSON, Elizabeth. Literature and Sex. In: LYONS, John D. (ed.). *The Cambridge Companion to French Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 222-240.

*Amaro* por 4 mil-réis e d' *O primo Basílio* por 3 mil-réis, mais do dobro das edições brasileiras. Apesar de a propaganda nos jornais destacar os romances famosos, as cadernetas incluíam outros escritos sem relação com o conteúdo licencioso, como poemas dos “nossos melhores escritores”, variedades, ditos e anedotas. Não havia identificação dos editores nas cadernetas, o que era ilegal e acentuava o caráter clandestino do empreendimento editorial. A não identificação ou a identificação fraudulenta dos editores (como nomes e endereços falsos) era uma estratégia comum das edições de literatura pornográfica desde o século XVIII.<sup>63</sup>

Em carta divulgada por vários periódicos do Brasil, o editor Ernesto Chardron queixou-se da concorrência desleal dos editores brasileiros. O redator do *Diário do Rio de Janeiro* concordava que o empreendimento era desonesto: “Achamos galanteria de muito mau gosto esta extração, autorizada por lei, do produto pecuniário de um trabalho alheio”.<sup>64</sup> A legislação sobre a propriedade intelectual só apareceria no Código Penal de 1890. As publicações da Biblioteca Galante podiam não ser éticas, mas não eram ilegais. Ciente de não haver lei para litigar a causa na Justiça, o livreiro português obtinha consolo na declaração de que a nova edição d' *O crime do padre Amaro*, revista e transformada pelo autor, era um romance novo que tornava obsoletas as reimpressões brasileiras.

Ao encerrar *O primo Basílio*, a Biblioteca Galante começou a publicação do romance *Esposa e virgem* (1870), do escritor francês Adolphe Belot (Fig. 2). A obra conta a história de um casamento

---

<sup>63</sup> MARTINS, Maria Tereza Payan. *Livros clandestinos e contrafacções em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Colibri, 2012.

<sup>64</sup> LIVROS E IMPRESSOS. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 107, p. 2, 24 jul. 1878.

que fracassa porque a esposa era lésbica.<sup>65</sup> Era uma tradução da 40<sup>a</sup> edição francesa de *Mademoiselle Giraud, ma femme*, vendida em 15 cadernetas a 40 réis, totalizando um volume de 225 páginas a 600 réis, com preço aumentado para 1 mil-réis quando concluída e encadernada. Belot foi teatrólogo e romancista conhecido. *Esposa e virgem* foi seu maior sucesso, mas publicou em vida mais de quarenta romances, como o popular *A mulher de fogo* (1872), leitura erótica de Basílio no romance de Eça de Queiroz, traduzido pela Biblioteca de Algibeira da Livraria Garnier. Até aquela data, 66 mil exemplares de *Esposa e virgem* haviam sido vendidos na França.<sup>66</sup>

O tema escandaloso da esposa lésbica justificava a publicação do livro na Biblioteca Galante. Paule Giraud e Berthe de Blangy eram amantes desde o tempo do colégio de freiras. Elas se casam e mantêm casamentos de fachada, como era comum entre as lésbicas no século XIX. Os maridos enganados unem as forças e se vingam das mulheres, que são punidas e mortas ao final. Para manter a discrição, o romance escandaloso de Belot podia ser encadernado num volume com o título genérico: *Um pouco de tudo: poesias, pensamentos, ditos espírituosos, anedotas, receitas etc.*, de novo apontando para a clandestinidade da publicação. Segundo o jurista Viveiros de Castro, o sucesso espantoso de *Esposa e virgem* deu origem a “uma aluvião de romances e contos sobre as lésbicas”.<sup>67</sup> Além dos locais tradicionais, a edição brasileira de *Esposa e virgem* podia ser encontrada na Livraria do Povo, no Rio de Janeiro; na

---

<sup>65</sup> JANICKA, Iwona. Homosocial Bonds and Narrative Strategies in Adolphe Belot's *Mademoiselle Giraud, Ma Femme* (1870), *Romanica Silesiana*, Frankfurt, n. 8, p. 138-150, 2013.

<sup>66</sup> GLAESER, Ernest. *Biographie nationale des contemporains*: rédigée par une Société de gens de lettres sous la direction de M. Ernest Glaeser. Paris: Glaeser et Cie., 1878.

<sup>67</sup> CASTRO, Francisco José Viveiros de. *Atentados ao pudor: estudo sobre as aberrações do instinto sexual*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1943, p. 202.

Livraria Teixeira, em São Paulo; na Livraria Universal, no Maranhão; e na Livraria Acadêmica, na Bahia, mostrando como a “leitura para homens” tinha leitores nas províncias.

Quando terminou o livro de Belot, a Biblioteca Galante iniciou a publicação da última obra da série: o romance *Tristezas à beira mar* (1866), do escritor português Manoel Pinheiro Chagas. A obra narra as atribulações de um triângulo amoroso no qual as irmãs Leonor e Madalena disputam o amor de Jorge. Mais ousada e cosmopolita, Madalena vence a disputa, mas, ao final, o romance premia Leonor e valida o modelo tipicamente romântico da mulher submissa e sem ambições – a mulher-anjo.<sup>68</sup> Pinheiro Chagas foi opositor do naturalismo e polemizou com Eça de Queiroz enquanto viveu.<sup>69</sup> *Tristezas à beira mar* era uma escolha estranha para uma coleção de obras galantes, com heroínas insubmissas como a adúltera Luísa e a lésbica Paule Giraud. É notável a escassez de anúncios do livro de Pinheiro Chagas nas páginas na *Gazeta de Notícias*, especialmente quando comparado com *O crime do padre Amaro*, a obra que o periódico divulgou com mais empenho, certamente porque o julgava a mais escandalosa (e atraente) da coleção.

---

<sup>68</sup> GANDRA, Jane Adriane. *Pinheiro Chagas, um escritor olvidado*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – USP, São Paulo, 2012, p. 130.

<sup>69</sup> MÓNIKA, Maria Filomena. Os fiéis inimigos: Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas, *Análise Social*, Lisboa, v. 36, n. 160, p. 711-733, 2001.

Fig. 2: Os livros da Biblioteca Galante à venda no escritório do jornal.

<b>O PRIMO BASILIO</b>	
	<sup>por</sup> <b>EÇA DE QUEIROZ</b>
<b>Dois volumes . . . . .</b>	<b>2\$000</b>
<b>O CRIME DO PADRE AMARO</b>	
	<sup>por</sup> <b>EÇA DE QUEIROZ</b>
<b>Um volume . . . . .</b>	<b>1\$500</b>
<b>TRISTEZAS À BEIRA MAR</b>	
	<sup>por</sup> <b>PINHEIRO CHAGAS</b>
<b>Um volume . . . . .</b>	<b>1\$000</b>
<b>ESPOSA E VIRGEM</b>	
	<sup>por</sup> <b>A. BELOT</b>
<b>Um volume . . . . .</b>	<b>1\$000</b>
<small>A venda no escritório d'esta folha, rua do Ouvidor n. 70. Para as províncias, registrado pelo correio, mais 500 réis.</small>	

Fonte: *GAZETA DE NOTÍCIAS*, Rio de Janeiro, n. 325, p. 5, 24 nov. 1878.

### A coluna “O Filhote”

Em 1896, a *Gazeta de Notícias* completou 21 anos e usou a conquista da maioridade como licença para testar e transgredir limites. Criaram uma coluna diária de conteúdo satírico e licencioso publicada no canto superior direito da primeira página, chamada “O Filhote” (Fig. 3). A coluna tinha todas as seções e rubricas de uma folha diária e funcionava como um jornal dentro do jornal. Ela teria nascido das entranhas da *Gazeta de Notícias*, fruto de um processo de amadurecimento que a autorizava a ousar mais, e retomava o princípio satírico

do riso de Rabelais evocado por Lulu Sénior no folhetim do primeiro número. A coluna circulou de 2 de agosto de 1896 a 28 de maio de 1897. Era um espaço de grande prestígio nos campos literário e jornalístico. Sua característica mais marcante era ser rebelde e desaforada, como uma criança que ainda não conhece as regras de decoro da sociedade. O “filhote” veiculava conteúdo sexual com candura infantil. Era um adorável malcriado.

Fig. 3: Detalhe da coluna “O Filhote” no canto superior direito da primeira página da *Gazeta de Notícias*.



Fonte: *GAZETA DE NOTÍCIAS*, Rio de Janeiro, n. 222, p. 1, 9 ago. 1896.

A permissividade infantil como contexto comunicacional permitia circular conteúdos sexuais que seriam de outro modo inadmissíveis na imprensa periódica, mas muitos se espantavam que a *Gazeta de Notícias* se atrevesse a ir tão longe. Aparecem histórias protagonizadas por crianças que testemunham coreografias sexuais ou veem adultos tomando banho. Para *O Apóstolo*, se aquele era o filho que o jornal tinha para exibir na maioridade, seria melhor chamá-lo de “Fístula”: “Aquilo é torpe, é pornográfico”, escreviam os padres editorialistas sem medir palavras, alertando para o perigo da entrada daquele malcriado nas casas de família.<sup>70</sup> O jornal carioca *Liberdade* concordava e denunciou: “O Filhote” era uma seção francamente pornográfica criada no intuito de aumentar as vendas do jornal.<sup>71</sup> Para os conservadores, a disseminação de pornografia impressa era uma epidemia que precisava ser combatida.

Ferreira de Araújo convidou Olavo Bilac para dirigir a coluna “O Filhote”. Exímio metrificador e já famoso na década de 1890, Bilac era dono de uma produção literária admirável, na qual seus “pendores de poeta satírico e fescenino” ocupavam lugar de destaque, embora pouco estudados pela historiografia tradicional.<sup>72</sup> Para compor a equipe, o escritor convidou Coelho Neto, Guimarães Passos e Pedro Rabelo. Como mandava a tradição, os escritores usavam pseudônimos, mas os jornais divulgavam constantemente quem era Puck e Bob (Bilac), Puff (Guimarães Passos), Caliban (Coelho Neto) e Pierrot (Pedro Rabelo). Havia outros pseudônimos que ainda não sabemos a quem pertencia, como Piff, Kiff e XXX, que podiam ser usados por mais de um escritor ao mesmo tempo.

---

<sup>70</sup> A GAZETA DE NOTÍCIAS E O SEU “FILHOTE”. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, n. 92, p. 2, 7 ago. 1896.

<sup>71</sup> TRISTES E ALEGRES. *Liberdade*, Rio de Janeiro, n. 115, p. 1, 26 ago. 1896.

<sup>72</sup> PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 356.

Em “O Filhote”, Puck, Puff e Pierrot escreviam exclusivamente em verso. Caliban era o único prosador do grupo, produzindo breves contos obscenos. Puck e Puff traziam uma experiência pregressa na imprensa carnavalesca, para a qual contribuíam com sátiras impiedosas em versos de muito sucesso.<sup>73</sup> É importante destacar o espírito carnavalizador da literatura erótica produzida para a coluna. “O Filhote” não renunciava a sua missão noticiosa, mas tinha no discurso sobre o sexo o principal atrativo e razão maior do seu sucesso. Apesar de pouco valorizada pela historiografia, a escrita da coluna era um trabalho criativo e desafiador que exigia vasta cultura literária e discernimento para negociar limites de tolerância e admissibilidade.

O uso da coluna humorística para propagar conteúdo sexual revela o vínculo da pornografia oitocentista com a carnavalescação, a sátira e o burlesco. No século XIX a pornografia pertencia aos chamados “gêneros alegres”,<sup>74</sup> que incluíam a imprensa satírica, os impressos pornográficos a 1 mil-réis e os espetáculos de cabarés no Largo do Rossio, dos quais Puck e Puff eram conhecidos colaboradores com versos e canções obscenos.<sup>75</sup> O vínculo com o riso não diminuía a capacidade dos escritos de causar sensações físicas nos leitores. A reação católica a “O Filhote” (que era disseminada e deve ser levada a sério) deixa claro que a presença do humor não turvava o conteúdo sexual e nem abalava o impacto no leitor. O sexo valia por si mesmo e era capaz de ativar a vontade do corpo.

Para criar histórias e contextos obscenos, os textos de “O Filhote” partiam das obras de Rabelais, Boccaccio e Chaucer, dos diálogos de prostitutas de Aretino e de clássicos libertinos europeus como *Teresa filósofa* (1748), atribuído ao Marquês Boyer

---

<sup>73</sup> TROTTA, Laudímia. *O poeta boêmio Guimarães Passos*. Rio de Janeiro: Souza Marques, 1967.

<sup>74</sup> PEREIRA, op. cit.

<sup>75</sup> PONTES, Eloy. *Olavo Bilac: bom humor*. Rio de Janeiro: Casa Mandarino, s.d.

d'Argens, disponíveis no original ou em tradução nas livrarias brasileiras do período. A fundamentação numa tradição letrada e erudita facilitava a aceitação e circulação dos textos da “coluna para homens”. A literatura humanista do Renascimento e o romance libertino eram tradições de um mundo pré-industrial, distantes no tempo, que davam aos escritos de “O Filhote” um ar de sonho e inocência, tornando-os admissíveis na imprensa periódica. Era uma literatura da abundância, da conexão erótica com a matéria e do prazer sem culpa.

O fundamento rabelaisiano criava uma zona de ambivalência e libertação ligada ao baixo corporal, que incluía o sexo, as partes íntimas do corpo e os atos de tomar banho, comer e ir ao banheiro.<sup>76</sup> A fórmula mantinha a “carnalidade triunfante” de Rabelais e dos *fabliaux* medievais, com seus contos de adultério e padres libidinosos,<sup>77</sup> sem apelar para o corpo grotesco, inadmissível nos jornais e malvisto nos circuitos letrados e de maior prestígio social. Fundamentados no riso obsceno, os escritores reciclavam temas, personagens e configurações narrativas da literatura pagã renascentista e do romance libertino. A ancoragem em tradições de prestígio social não impedia os periódicos conservadores de condenarem o realismo rabelaisiano de “O Filhote” como mera pornografia. A onipresente *Gazeta de Notícias* disseminava pornografia a 40 réis.

Os pseudônimos dos escritores estavam ligados à cultura da carnavalização e a rituais de inversão de hierarquias e relativização da autoridade.<sup>78</sup> Puck e Caliban eram personagens de peças de William Shakespeare e ambos simbolizavam a força indomável da natureza. O filtro shakespeariano era crucial para a admissibilidade dessa literatura entre os letrados. Conhecido por suas patifarias, Puck, da comédia *Sonhos de uma noite de*

---

<sup>76</sup> BAKHTIN, Michael. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

<sup>77</sup> LADENSON, op. cit.

<sup>78</sup> BAKHTIN, op. cit.

verão (1595), é um duende habitante das florestas que pertence ao mundo do sonho e da magia. Na peça, se contrapõe às rígidas leis dos atenienses. Puck estava fora da civilização e não se pautava pelas leis patriarcais. Puff vem do inglês e significa sopro. Guimarães Passos encarnava o poeta galhofeiro que soprava poesia erótica nos ouvidos dos foliões nos bailes de carnaval. Os sopros eram versos-convite, poemas anedóticos, licenciosos ou satíricos,<sup>79</sup> que certamente inspiraram os escritos de “O Filhote”. Pierrot vem da *Commedia dell'Arte* e projeta a imagem de um palhaço triste e ingênuo que fracassa no amor, mas não perde a inocência e a esperança. Por meio dessas *personae*, os escritores satirizavam valores morais e descreviam atividade sexual, em prosa e verso.

O sucesso de “O Filhote” incrementou as vendas do jornal e pavimentou o caminho para a publicação dos escritos em formato de livro. A Livraria Laemmert, no Rio de Janeiro, publicou a maior parte dos textos nos anos seguintes ao encerramento da coluna. Era outro passo importante no processo de normalização da pornografia impressa, pois a Laemmert era uma das mais antigas e respeitadas livrarias do país. Fundada em 1838 e com poucos concorrentes no mercado de obras de referência e livros técnicos, a Laemmert alcançou notoriedade com a venda de dicionários, gramáticas, manuais e, especialmente, a partir de 1844, do *Almanaque Laemmert*, um catálogo dos negócios da indústria e do comércio na província do Rio de Janeiro.<sup>80</sup>

Em 1893, com a morte de Baptiste-Louis Garnier, a Laemmert começa a entrar no mercado de obras literárias, até então dominado pelo rival. Em 1897, a publicação dos textos de “O Filhote” era um desdobramento do processo. Nessa época,

---

<sup>79</sup> TINHORÃO, José Ramos. *A imprensa carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2000, p. 87.

<sup>80</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985.

quem comandava os negócios era Gustavo Massow, um alemão que em 1857 emigrara para o Brasil e logo foi contratado para trabalhar na livraria. Na década de 1890 ele galgara o posto de sócio-gerente da Laemmert. Massow viu nos escritos da coluna uma oportunidade de atuar no novo mercado de “leitura para homens”.<sup>81</sup> Apoiando-se na fantasia de liberdade masculina associada à imagem do homem maduro e endinheirado que preferiu não se casar, criou a Biblioteca do Solteirão. A coleção incluía outros romances naturalistas e sensacionalistas.

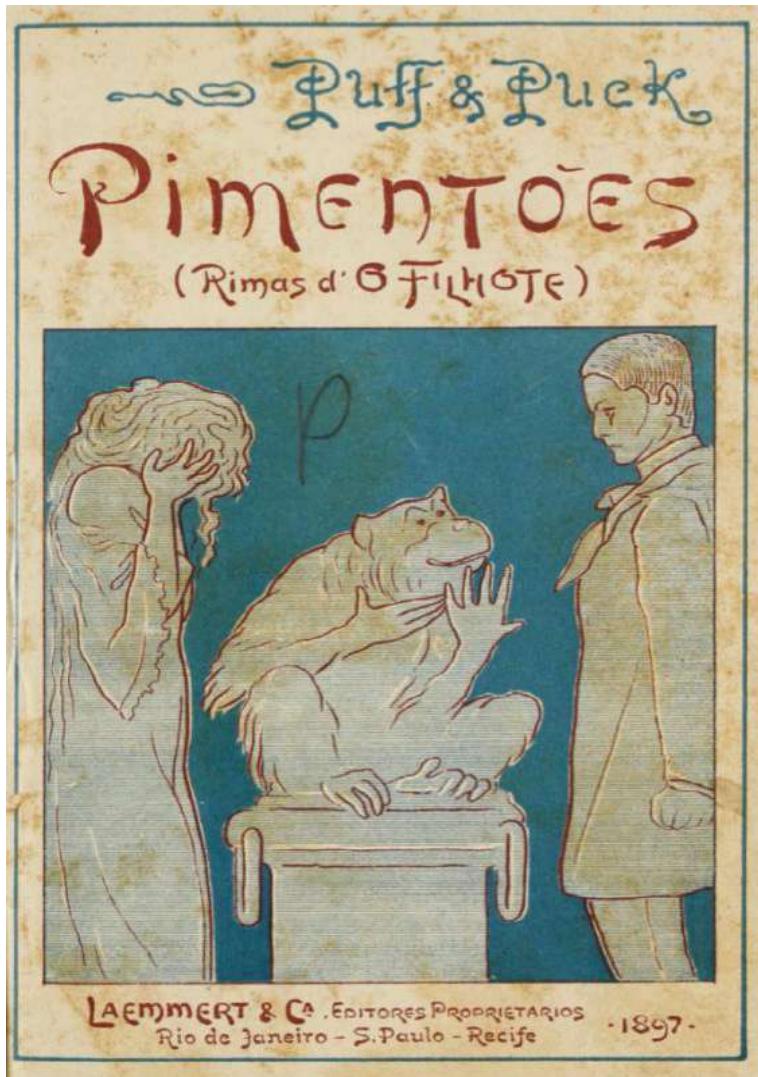
De Puck e Puff, a Laemmert publicou *Pimentões (rimas d’O Filhote)* em dezembro de 1897. A obra reúne 71 poemas picantes publicados anteriormente na coluna do jornal, 38 de Puff e 33 de Puck, sendo que quatro poemas haviam aparecido na coluna com outros pseudônimos, como XXX. A capa estampa a gravura colorida de uma discussão conjugal conciliada por um macaco (Fig. 4). Uma mulher vexada e desgrehnada, vestindo uma camisola, aparece diante de um homem furioso, que era contido pelas explicações do animal. Por que a fúria do homem? Havia flagrado a mulher lendo *Pimentões*? Na cultura pagã do Renascimento, o macaco era considerado uma caricatura animalesca do homem e simbolizava a não repressão dos desejos sexuais.<sup>82</sup> O seu aparecimento no meio do casal poderia sugerir que o animal advogava a favor do prazer sexual feminino?

---

<sup>81</sup> VIEIRA, Renata Ferreira. *Leitura alegre: livros licenciosos e de entretenimento no Brasil no final do Oitocentos (1896-1905)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>82</sup> BAKHTIN, op. cit.

Fig. 4: Capa da edição de 1897 de Pimentões (rimas d'O Filhote), da Livraria Laemmert.



Fonte: Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos.<sup>83</sup>

<sup>83</sup> Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/?locale=en>>. Acesso em 29 ago. 2019.

Os poemas são em sua maioria quadras rimadas em heptassílabos, a redondilha maior, que Bilac e Guimarães Passos, no *Tratado de versificação*, destacam como as estrofes mais cultivadas pelos poetas populares, pelo ritmo agradável herdado das baladas medievais.<sup>84</sup> A redondilha maior rimada no esquema ABAB é a forma predominante em *Pimentões*. Para ilustrar, citamos o poema “Ritinha”, de Puck, publicado na edição de 12 de março de 1897, que se destaca por abordar um tema tabu e onipresente na pornografia: o sexo anal. A menina gostava de “namorar pela frente” e por “detrás”. Ritinha é punida pelo pai, que lhe dá uma surra que quase a mata, mas a chave é cômica, e não trágica.

### Ritinha

Ritinha, menina bela,  
Que não faz nada por mal,  
Namora pela janela,  
Namora pelo quintal!

Prega-lhe o pai uma sova,  
Que a põe de cama a chorar  
E quase a conduz à cova.  
E diz o velho a berrar:

- Arre! Agora, felizmente,
- Quero ver se inda és capaz
- De namorar pela frente
- E namorar por detrás!

Inicialmente, Gustavo Massow não publicou os escritos de Pierrot. Em 1897, as rimas do autor foram reunidas no volume *Filhotadas (Casos galantes d' O Filhote)* e impressas pela tipografia do *Jornal do Comércio*, de Rodrigues & Co. Pedro Rabelo era funcionário da Secretaria do Conselho da Intendência

---

<sup>84</sup> BILAC, Olavo; PASSOS, Sebastião Guimarães. *Tratado de versificação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905, p. 42.

Municipal, que contratava a mesma tipografia para os serviços de gráfica. O escritor pode ter usado sua posição para viabilizar a edição dos versos de Pierrot pela tipografia antes de Massow embarcar no projeto. Só em 1903 a Laemmert publicaria o autor, no volume *Casos com pimenta: histórias para velhos*. Em 1905, editou novos escritos de Pierrot em *Casos alegres: histórias para sorumbáticos*.

Apesar de não ter o selo da livraria, *Filhotadas* foi incluído na Biblioteca do Solteirão. Era vendido na faixa do livro popular a 2 mil-reis. Trazia uma advertência do autor “à gente pudibunda”. Avisava que não era livro para crianças e nem literatura moral. Na Bahia, o jornal *Cidade do Salvador* alertou seus leitores de que se tratava de “leitura perigosa, cheia de escândalo, leitura escabrosa”.<sup>85</sup> Pierrot diz que *Filhotadas* trazia alguns escritos considerados ousados demais para aparecer na imprensa periódica. Um deles é o poema anticlerical “A boceta”, que explorava, numa oitava de rimas mistas, o duplo sentido da palavra e usava o confessionário como local de sedução e circulação de história eróticas.

#### **A boceta**

— Padre! (contrita e chorosa,  
A Maria faltas confessa...)  
Padre! Perdi a cabeça!  
Sou uma infeliz esposa  
Que a seu marido enganou,  
E, n’um dia de pecado,  
Tudo que tinha jurado,  
Desgraçada, desprezou!

— O crime é deveras grande...  
(Diz o sacerdote austero)  
Mas, condená-la não quero;  
Conte-me como foi, ande...

---

<sup>85</sup> ELZAR, M. de. Notas e informações. *Cidade de São Salvador*, Bahia, 4 jan. 1898, p. 1.

Eu sei! São os maus conselhos!  
Conheço muito o que isso é...  
(E descansa sobre os joelhos  
A boceta do rapé).

Fala a dama: — “Meu marido  
Andava fora de casa...  
Eu tinha a cabeça em brasa,  
O corpo desfalecido...  
Nisto, entra o primo Manoel;  
É um tipo de muita ronha...  
Padre! Poupe-me a vergonha  
Desta confissão cruel!”

Volve o padre: — “É grave!” Nisto,  
A um gesto, a boceta tomba...  
(É uma boceta d’arromba  
Com o nome — Padre Evaristo)  
E ele aponta a saia preta  
À moça acesa em rubor,  
E diz: — “Faça-me favor,  
Deixe-me ver a boceta...”<sup>86</sup>

Apesar da importância da Livraria Laemmert para a cultura impressa no fim do século, os livros da Biblioteca do Solteirão se tornaram raridades bibliográficas. Um exemplar do *Álbum de Caliban* encontra-se na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e era do acervo pessoal de Coelho Neto. A pesquisa não localizou exemplar de *Casos com pimenta: histórias para velhos*. Um exemplar de *Casos alegres: histórias para sorumbáticos* foi localizado na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Em 1905, não houve divulgação da obra nos jornais e nem comentários dos pares na imprensa. Uma explicação para essa invisibilidade pode ter sido o fato de que tanto Gustavo Massow quanto Pedro Rabelo adoeceram e

---

<sup>86</sup> PIERROT [Pedro Rabelo]. *Filhotadas (casos galantes d’O Filhote)*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1897, p. 73-75.

morreram naquele ano. Pierrot também talvez fosse o menos proeminente dos autores de “O Filhote”.

*Casos alegres: histórias para sorumbáticos* reunia 18 contos curtos e 8 poemas inéditos. Como os companheiros de coluna, Pierrot praticava os tradicionais contos de adultério, fazia pornografia anticlerical e compunha odes ao pênis. Seguindo o perfil de “O Filhote”, também usava o personagem da criança desaforada para veicular conteúdo licencioso de forma indireta e palatável. No conto “A vacina”, Juquinha diz que testemunhara a vacina do primo Juca pegando na perna da irmã, e “por sinal o primo depois entornou toda a vacina da seringa”, acrescenta.<sup>87</sup> Em “A bisnaga”, Pierrot aproveita a conversa entre duas meninas de 13 anos para descrever cenas semelhantes de masturbação e ejaculação entre primos. A folha de rosto do volume estampava uma máxima rabelaisiana – “Tristezas não pagam dívidas” –, expressando o desejo de “economias de antiausteridade”, típico da pornografia.<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Idem. *Casos alegres: histórias para sorumbáticos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905, p. 20.

<sup>88</sup> KIPNIS, Laura. *Bound and Gagged: Pornography and the Politics of Fantasy in America*. Durham: Duke University Press, 1996, p. 202.



## *Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica*<sup>89</sup>

Coelho Neto, numa enquete feita pela *Gazeta de Notícias* em 1912, admitiu a origem shakespeariana do pseudônimo Caliban, o qual permitia testar a reação do público aos livros sem associá-los de antemão ao escritor famoso. Também revelava uma faceta ou etapa na trajetória do escritor. Dos vários pseudônimos adotados por Coelho Neto ao longo da carreira, dois se destacam: Anselmo Ribas e Caliban. O primeiro subscreveu romances importantes como o antimilitarista *Miragem* (1895), é o narrador-protagonista de seu romance de estreia, *A capital federal* (1893), e dos autobiográficos *A conquista* (1899) e *Fogo fátuo* (1929). Anselmo Ribas era seu principal personagem de si mesmo, o escritor provinciano, notável polígrafo, escritor afável e culto, apoiador de jovens artistas. Caliban era a encarnação do Coelho Neto jovem, boêmio e abolicionista, autor de literatura licenciosa, carnal e materialista. Referindo-se ao personagem de Shakespeare na enquete da *Gazeta de Notícias*, Coelho Neto admitiu: “Quando alguém toma o nome de uma figura conhecida de criação literária, é porque, de certo, se quis encarnar nela”.<sup>90</sup>

O pseudônimo apareceu pela primeira vez em 1888 no jornal *Cidade do Rio*, do jornalista José do Patrocínio, que foi um

---

<sup>89</sup> Este capítulo reúne dois trabalhos originalmente publicados como artigos revisados pelos pares na revista *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, 2017; e v. 30, n. 4, 2021, a quem agradecemos a boa acolhida. Com a permissão do editor-chefe, eles foram reformulados para retirar redundâncias e se encaixar no encadeamento dos capítulos.

<sup>90</sup> POR QUE USA UM PSEUDÔNIMO?: pergunta aos nossos escritores. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 164, p. 1, 12 jun. 1912.

dos primeiros apoiadores de Coelho Neto. O encontro com o jornalista foi decisivo para o abandono do curso de Direito e a opção pela carreira de escritor, na década de 1880. Patrocínio acolhia, contratava e incentivava jovens escritores sem fortuna, como Coelho Neto.<sup>91</sup> Caliban foi criado junto com o pseudônimo Ariel, personagem da mesma peça shakespeareana, como par e contraste de sombra e luz a serem explorados pelo escritor em colunas diferentes no *Cidade do Rio*, intituladas “Na sombra” e “Do azul”. Numa crônica de maio de 1888 em que exaltava Shakespeare, explicou o contraste: Ariel, “alma errante, fantasia aérea”, conseguia a liberdade e desaparecia no céu azul, enquanto ele, Caliban, ficava na terra, meditando na gruta sombria ou perambulando pela floresta, “o ódio encarcerado”.<sup>92</sup>

O plano não foi seguido à risca. Havia um desequilíbrio a favor de Caliban, cujas aparições no *Cidade do Rio* foram mais frequentes. Nesse primeiro momento, Caliban não era ainda pornográfico. As crônicas exploravam simbolismos de mitologia pagã, estampavam cartas de amores não correspondidos, destilavam melancolia hamletiana e desilusão *fin-de-siècle*, mas também comentavam sobre o cotidiano da cidade e trabalhos de colegas da imprensa. Numa crônica de julho de 1888, Caliban assume dois posicionamentos que esclarecem a opção pela literatura licenciosa, feita para vender e entreter. Para ele, a escrita era um trabalho honesto, e por isso o escritor devia ser remunerado condignamente. Além disso, era hipocrisia acusar Émile Zola e o naturalismo de imorais, depois da “misantrópia obscena” de Shakespeare e das liberdades de

---

<sup>91</sup> ALBUQUERQUE, José Joaquim Medeiros e. *Quando eu era vivo: memórias de 1867 a 1934*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

<sup>92</sup> ARIEL [Coelho Neto]. Lira americana. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 121, p. 1, 28 maio 1888.

Cervantes e Molière.<sup>93</sup> As crônicas opinativas de Caliban ajudavam a criar a imagem de uma *persona* com estilo e posicionamentos próprios, diferente de Coelho Neto.

Em *A Tempestade* (1610), última peça de Shakespeare, Caliban era o único habitante nativo de uma ilha em que Próspero, duque de Milão, se instala com a filha Miranda para levar a cabo um plano de vingança. Do ponto de vista de Próspero, Caliban era a natureza em forma bruta, força sombria a ser domada e controlada.<sup>94</sup> Coelho Neto usou a metáfora da sombra na coluna no *Cidade do Rio* e adotava a perspectiva de Caliban como um espírito sofredor, cujo confinamento se dava a bem da civilização.<sup>95</sup> Havia uma identificação com o ponto de vista do conquistador que era comum no período. Na imprensa, Caliban era símbolo de violência, primitivismo, carnalidade, perversidade, monstruosidade e irracionalidade. Filho de uma feiticeira, de corpo sujo e malformado, Caliban podia ser evocado para descrever os pobres e os moradores de rua das cidades. Chamar alguém de filho de Caliban era um desaforo, enquanto o riso de Caliban representava o desdém pela lei e pela justiça.<sup>96</sup> Associado à escuridão da caverna, Caliban evocava um imaginário de sensualidade, fascínio e medo.

---

<sup>93</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Da sombra. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, n. 148, p. 2, 5 jul. 1888.

<sup>94</sup> Os estudos pós-coloniais propõem que a relação entre Próspero e Caliban era análoga à entre colonizador e colonizado. Escravizado por um invasor que usurpou suas terras, Caliban compartilhava aflições semelhantes às dos povos conquistados da África e da América. Cf.: BROWN, Paul. "This thing of darkness I acknowledge mine": *The Tempest and the Discourse of Colonialism*. In: DOLIMORE, Jonathan (ed.). *Political Shakespeare: Essays in Cultural Materialism*. Manchester: Manchester University Press, 1994, p. 48-71; SKURA, Meredith Anne. Discourse and the Individual: The Case of Colonialism. *The Tempest: Shakespeare Quarterly*, Washington DC, n. 40, p. 42-70, 1989.

<sup>95</sup> ARIEL [Coelho Neto]. op. cit.

<sup>96</sup> A FAMÍLIA. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 856, p. 1, 13 out. 1887.

Em 1891, Coelho Neto se transferiu do *Cidade do Rio* para *O País*. Era uma ascensão. Como prova do novo *status*, Caliban tinha coluna na primeira página. Ali publicou em torno de vinte textos até 1894, entre crônicas, resenhas e contos. Em algum momento, Coelho Neto decidiu potencializar a dimensão carnal e instintiva de Caliban e transformá-lo num autor licencioso. Ao fazer isso, ele redimensionava o personagem e legitimava sua energia sexual desafiadora. Ao invés da melancolia dos desiludidos, dava voz ao riso provocador dos reprimidos. Começou a alternar crônicas tradicionais sobre gírias e a falta d'água com breves contos picantes. O vínculo com *O País* não o impedia de publicar em outros veículos. Os escritos eram republicados em jornais de todas as regiões do país e outros inéditos de Caliban encontravam espaço em periódicos de Belém, Maranhão, Recife, Maceió, Bahia, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre. Em meados da década de 1890, Caliban era um afamado autor licencioso, apreciado em várias praças pelo humor fino e prosa elegante.

### **A literatura de Caliban**

Ser licencioso sem perder a civilidade era crucial para a circulação de pornografia nos jornais e para a aceitação dessa literatura nos circuitos letrados. Coelho Neto sabia que a demanda de “leitura alegre” era garantia de boas vendas, mas não podia alienar seus pares com carne bruta e linguagem chula. Qual era a medida do riso de Caliban? A resenha do romance *O aborto*, de Figueiredo Pimentel, publicada na coluna de Caliban em *O País*, ajuda a entender seu posicionamento em relação ao discurso licencioso. Narrando com linguagem científica, de forma objetiva e franca, um caso de sexo fora do casamento seguido de gravidez, aborto e morte, Figueiredo

Pimentel era brutal, e *O aborto*, um livro perverso.<sup>97</sup> O romance foi um dos mais bem-sucedidos “livros para homens” do fim do século, mas foi trucidado pelos homens de letras e desapareceu da historiografia.<sup>98</sup> Como autor licencioso, Caliban reconhecia que Figueiredo Pimentel tinha talento e que havia um lugar para essa literatura, mas as cruezas do naturalismo não eram seu estilo.

A opção era escrever segundo a tradição do riso de Rabelais, com pitadas da literatura libertina. Diferentes do naturalismo, que era da modernidade industrial e falava sobre sexo com linguagem científica e chula, as matrizes da literatura de Caliban remetiam a uma cultura letrada e erudita que prezava a linguagem refinada, feita para agradar paladares exigentes. Mas ao contrário de Rabelais e dos libertinos, cuja obscenidade servia para criticar homens, ideias e instituições do seu tempo,<sup>99</sup> Caliban veiculava licenciosidade para afugentar os desgostos, dentro da acepção moderna da pornografia como um fim em si mesma. A ancoragem em tradições de prestígio social e a linguagem castiça filtravam o conteúdo sexual, facilitando sua aceitação e circulação. Com base no fundamento materialista no riso obsceno, Caliban reciclava temas, personagens, padrões retóricos e configurações narrativas da literatura libertina. São reconhecíveis nos contos as marcas da tradição pornográfica moderna, como o anticlericalismo, o voyeurismo, o nivelamento social pelo sexo, o lesbianismo, o falocentrismo (ou ode ao pênis) e a personagem prostituta. Caliban manipulava esses ingredientes com maestria e era

---

<sup>97</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. O Ab... (por Figueiredo Pimentel). *O País*, Rio de Janeiro, n. 3976, p. 1, 26 mar. 1893.

<sup>98</sup> VIEIRA, Renata Ferreira. *Uma pena de canalhas: Figueiredo Pimentel e o naturalismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

<sup>99</sup> DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto (org.). *Libertinos e libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 21-42.

capaz de veicular conteúdo licencioso nos jornais sem causar alarde. Seu trabalho era tornar jornalístico o material erótico.

Os contos de Caliban que se passam em igrejas e conventos partiam de uma rica tradição anticlerical que aparecia em Rabelais e Boccaccio, como vimos. Contos como “Confissão”, publicado em *O País*, recorriam ao confessionário como espaço de circulação de conteúdo licencioso naquela sociedade.<sup>100</sup> Desde o século XVI, a Igreja se preocupava com a intimidade sexual entre penitentes e padres no confessionário.<sup>101</sup> O local era erotizado pela contação de histórias de adultérios, crimes e amores proibidos. Caliban colocava o leitor em posição estratégica para ouvir a confissão pelas frestas, numa indiscrição equivalente a espiar o sexo alheio pelo buraco da fechadura. A penitente confessa ter dormido com o primo e engravidado, mas isso se inferia pelas reações risíveis do padre, já que era impossível ouvi-la. Caliban deixava as falas da penitente pontilhadas para o leitor preencher com suas fantasias sexuais, uma estratégia conhecida da literatura licenciosa do período.

Para oferecer ao leitor quadros picantes, Caliban recorria à figura da prostituta de luxo e seus espaços de trabalho, como o salão e o *boudoir*. Na raiz etimológica, a palavra pornografia significava histórias de prostitutas e se vinculava a propostas iluministas de regulação do meretrício.<sup>102</sup> Embora o termo tivesse evoluído para incluir outros sentidos a partir de meados do século XIX, a personagem da prostituta permaneceu central

---

<sup>100</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Confissão. *O País*, Rio de Janeiro, n. 3785, p. 1, 11 set. 1892.

<sup>101</sup> HALICZER, Stephen. *Sexuality in the Confessional: A Sacrament Profaned*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

<sup>102</sup> KENDRICK, Walter. *The Secret Museum: Pornography in Modern Culture*. Nova York: Viking, 1987.

na literatura pornográfica.<sup>103</sup> No conto “Mlle”, publicado no *Pequeno Jornal*, na Bahia, Ema, jovem cortesã, admira o próprio corpo na frente do espelho.<sup>104</sup> Ela passa o conto inteiro sem roupa. Tem a oportunidade de rolar pelos tapetes do quarto, rir de si mesma e interagir com a criada, que nota ter uma marca de nascença igual à da patroa, no mesmo lugar, no quadril. Logo a criada está nua e as duas se beijam. O clima de inocência juvenil, o exibicionismo e o voyeurismo, assim como o lesbianismo e a abolição das hierarquias pelo sexo faziam de “Mlle” um conto especialmente audacioso para sair num jornal.

---

<sup>103</sup> MORAES, Eliane Robert. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópica literária. *Teresa: Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 15, p. 165-178, 2014.

<sup>104</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Mlle. *Pequeno Jornal*, Salvador, n. 461, p. 2, 5 set. 1891.

Fig. 5: Conto "O fetichismo", de Caliban, ilustrado por Julião Machado.<sup>105</sup>



Fonte: *A CIGARRA*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 7, 30 maio 1895.

O *Pequeno Jornal* podia ser um obscuro periódico baiano, mas Caliban tinha espaço em impressos cariocas prestigiados, como a revista *A Cigarra*, dirigida por Bilac e pelo caricaturista

<sup>105</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. O fetichismo. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 7, 30 maio 1895.

português Julião Machado, amigos de Coelho Neto. O conto “O fetichismo”, outra história de prostituta de Caliban, apareceu no número 4 de *A Cigarra* (Fig. 5). No *boudoir* de Ema, Álvaro confessa sua atração por “um palmo de perna, bem ajustada à fina meia preta”. Ela finge ter achado a ideia extravagante e trata de mover-se no divã para exibir “a meia preta muito justa, sem uma ruga”. Álvaro não resiste e a possui no ato. Impressionada com seu vigor, Ema o julgou digno de “uma camisola de força”.<sup>106</sup> O conto usava as linhas pontilhadas para encobrir o assalto sexual, mas dava os ingredientes para alimentar a imaginação do leitor. Trazia uma ilustração de Julião Machado representando a entrevista da cortesã com um cliente, assim como retratava o fetiche de Álvaro na imagem de uma perna de mulher com liga e meia, que talvez ativassem a vontade de muitos leitores. A ilustração aponta para o desmembramento e a mercantilização de partes do corpo feminino, típicos da pornografia moderna e do capitalismo.<sup>107</sup> Confirmando a perspectiva libertina, não havia como imputar culpa ao corpo desejante.

O adultério foi tema de vários contos de Caliban. Onipresente na sociedade, a traição conjugal era rico manancial de enredos rabelaisianos com que muitos leitores podiam se identificar. Na pornografia, homens e mulheres traem, já que ambos têm desejo e alcançam satisfação no sexo. No conto “Gêmeos”, publicado no jornal *Gutenberg*, de Maceió, a traição era do marido com a criada, que engravidava na mesma época que a esposa.<sup>108</sup> Era uma história que muitos conheciam. A gestação ocorria sem problemas e as duas davam à luz meninos fortes. A criada, que “tinha mais leite do que o Estado de

---

<sup>106</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. O fetichismo. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 7, 30 maio 1895.

<sup>107</sup> SOBLE, Alan. *Pornography: Marxism, Feminism, and the Future of Sexuality*. New Haven: Yale University Press, 1986.

<sup>108</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Gêmeos. *Gutenberg*, Maceió, n. 79, p. 2, 7 abr. 1895.

Minas”,<sup>109</sup> amamentou as duas crianças. Caliban erotizava a abundância de leite e dos seios da criada, que os pequenos mamavam com prazer e sofreguidão. Quando uma vizinha indagou se eram gêmeos, a criada disse que sim. Confrontada pela patroa na frente do patrão, explicou que eram gêmeos porque eram filhos do mesmo pai. Até então a esposa não sabia da traição, mas desde o início o sexo extraconjugal estava implícito no título e na malícia libertina do narrador.

Contos como “Gêmeos” pertenciam ao repertório de anedotas obscenas que evocavam sexualidades clandestinas e podiam ser contadas numa roda de amigos ou até num almoço de família.<sup>110</sup> O alvo da piada era o vexame do marido, e nesse sentido podia ser uma crítica ao adultério. Centradas na descrição de atividade sexual, as histórias de prostitutas iam mais fundo e testavam os limites da pornografia nos jornais. Caliban oscilava entre suscitar o riso obsceno e desencadear diretamente a excitação sexual. Muitos se espantavam que conseguisse ir tão longe. Em 1895, o cronista Marion, no jornal *República*, de Florianópolis, comentou que alguns escritores reclamavam da censura (por imoralidade) na imprensa, enquanto Coelho Neto tinha licença para ser obsceno: “Na capital o grande Coelho Neto, o valente Caliban, escreve pedacinhos bem gostosos que ninguém repele por imorais. Coelho Neto escreve o que quer sem dar satisfações à sociedade do século das luzes”.<sup>111</sup> Ele especula que isso era possível porque Coelho Neto publicava na imprensa de uma cidade civilizada. Se publicasse em Florianópolis, sugere, os escritos de Caliban seriam censurados.

Como prova de que estava errado, a crônica “Ladra”, de Caliban, foi publicada no mesmo jornal catarinense, *República*,

---

<sup>109</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>110</sup> MAINGUENEAU, op. cit.

<sup>111</sup> MARION. Na barquinha de um balão. *República*, Florianópolis, n. 52, p. 2, 6 mar. 1895.

que censurava a imoralidade de outros escritores, mostrando que o capital simbólico<sup>112</sup> de Coelho Neto, já no início da carreira, lhe permitia testar limites. A crônica trazia uma marca central da pornografia: o falocentrismo. Desde a origem, a pornografia foi um empreendimento masculino.<sup>113</sup> O homem era autor e observador, origem e destino das obras, o que não impedia, como sabemos, que as mulheres as lessem e apreciassem. O androcentrismo era notável nas histórias de prostitutas de Caliban, mas também nos contos de adultérios. Na crônica, ele se imagina encurralado por uma ladra que exigia: “A bolsa ou a vida!”.<sup>114</sup> A piada era que lhe daria a bolsa com prazer, pois se referia a sua genitália. Mas não havia mulher que a quisesse, apesar de carregá-la sempre cheia e pesada. Como o câmbio, a fortuna que Caliban trazia na bolsa não baixava. “Ladra” era uma ode ao pênis. Abaixo da crônica vinha um anúncio de remédio para sífilis, sugerindo que os leitores de Caliban eram propensos a adquirir doenças sexualmente transmissíveis. Estava selada sua reputação de autor pornográfico.

### **A coluna “O Filhote” e o *Álbum de Caliban***

Com reputação de autor licencioso consolidada e validada, Caliban tornou-se colaborador da coluna satírica “O Filhote”. Para Coelho Neto, o trabalho na coluna representava a culminância da trajetória de seu pseudônimo lascivo, que agora reunia seus escritos no “Álbum de Caliban”, como chamavam sua subseção. A metáfora do álbum sugeria uma coletânea de quadros picantes para ser manuseada nas horas de solidão e

---

<sup>112</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênero e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>113</sup> HUNT, op. cit.

<sup>114</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Ladra. *República*, Florianópolis, n. 99, p. 2, 3 maio 1895.

melancolia. O “Álbum de Caliban” era o espaço de “O Filhote” reservado para o discurso erótico como entretenimento, sem função social útil além do deleite do leitor. Nesse sentido, era a seção mais moderna e arriscada da coluna. Ali Caliban publicou contos antigos e novos, trabalhou e refinou sua prosa rabelaisiana, com vistas à publicação posterior dos textos em formato de livro. Revisitou patrões que dormiam com criadas e a tensão sexual em confessionários e conventos, assim como escreveu novas histórias de prostitutas. A bolsa como metáfora da genitália masculina foi reelaborada em novos contos.

Variações da ode ao pênis foram incluídas, como os contos “A limpadora de chaminé” e “A vara de condão”, no qual, numa Bagdá das *Mil e uma noites*, um jovem alega e prova não haver “melancolia que resista à sua vara”.<sup>115</sup> O fascínio pelo pênis e pelo que ele é capaz de fazer atravessa toda a história da literatura erótica. A pornografia trata o pênis como um “instrumento mágico de infinitos poderes”.<sup>116</sup> A ideia aparece no conto “O italiano que vivia de sua prenda”, em *Os serões do convento* (1860), assinado pelo pseudônimo M. L. e atribuído ao escritor português José Feliciano de Castilho, o mais famoso “livro para homens” no circuito luso-brasileiro na *Belle Époque*, fonte de inspiração de muitas histórias de Caliban e outros autores de “O Filhote”.<sup>117</sup> Por serem escritos e divulgados na imprensa, os autores nunca usavam vocabulário chulo e se

---

<sup>115</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. A vara de condão. *O Filhote. Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1896, p. 1.

<sup>116</sup> MARCUS, Steven. *The Other Victorians: A Study of Sexuality and Pornography in Mid-Nineteenth Century England*. Nova York: Basic Books, 1966, p. 212 (tradução nossa).

<sup>117</sup> EL FAR, op. cit. 2004; LUGARINHO, Mário César; MAIA, Helder Thiago. Prefácio: Litera(mão): *Os serões do convento* de José Feliciano de Castilho. In: M. L. [José Feliciano de Castilho]. *Os serões do convento*. Lisboa: Index, p. v-xvi, 2018; MENDES, Leonardo. Histórias para sorumbáticos: Pedro Rabelo e a literatura licenciosa na *Belle Époque*. In: NEGREIROS, Carmem (org.). *Belle Époque: efeitos e significações*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018, p. 90-109.

referiam ao pênis por metáforas como vara, chaminé, cachimbo, cobra, seringa, vacina ou enguia.

Outra conhecida linguagem erótica usada nos contos de Caliban foi a simbologia de flores, frutas e legumes para expressar desejos e descrever órgãos sexuais. Havia um emprego galante dessa nomenclatura inspirado na obra *Le Langage des fleurs* (1819), de Charlotte de La Tour, que criava uma relação de semelhança entre as características das plantas e os sentimentos humanos.<sup>118</sup> No *Manual do namorado*, de D. Juan de Botafogo, a flor bico-de-papagaio significava mentiroso, enquanto as jabuticabas sinalizavam um convite para uma entrevista: vem ver-me.<sup>119</sup> Havia também um emprego lascivo do vocabulário das plantas, presente em obras contemporâneas como *Do nabo e tomates e algumas considerações acerca do pepino* (1898), na qual nabo era um referente conhecido do falo. No conto “Alimentação higiênica”, numa roda de conversa, amigas usam legumes e verduras para se referir aos órgãos sexuais. Discutem se os nabos eram saborosos ou sem gosto, mas concordam que eram essenciais para um regime equilibrado de alimentação (sexual).

No espírito da coluna, Caliban incluiu a permissividade infantil como estratégia para veicular conteúdo erótico. A inocência da criança reforçava a atmosfera descontraída de Rabelais e da literatura libertina, sem punição ou culpa. Tanto o sexo quanto a descrição de partes íntimas do corpo são filtrados pelo imaginário e vocabulário infantis. Mamilos eram confundidos com botões, e o pênis passava por dedo ou cachimbo. O conto “A aranha caranguejeira” é exemplar da fórmula. Uma criança, que tivera um encontro traumático com uma aranha enorme e veluda quando tinha um ano, entrou em

---

<sup>118</sup> EL FAR, op. cit., 2022.

<sup>119</sup> BOTAFOGO, Don Juan de [Figueiredo Pimentel]. *Manual do namorado, seguido do Dicionário das flores, folhas, frutas e ervas*. Rio de Janeiro: Nossa Livro, s.d.

pânico, anos depois, ao contemplar sua babá tomando banho no córrego.<sup>120</sup> A criança não se acalmava. Para provar que não havia aracnídeos, a moça mostra a vagina para o patrão – uma cena que deve ter “desenvolvido os nervos” de muitos leitores. Valendo-se do trocadilho com palavras chulas para denominar o órgão feminino, o bebê grita: “Enxota a aranha!”.<sup>121</sup> O conto é uma ode à vagina. O trauma infantil tornava cômica e palatável a objetificação de partes do corpo (feminino), típica da pornografia moderna.

Para mostrar como os contos de Caliban eram polêmicos, vejamos a “Balada do pajem louco”, que foi chamada de pornográfica. Um pajem perde a razão após ver a princesa do reino nua. Entontecido com a visão, sai pela rua cantarolando: “Eu vi a princesa nua! Eu vi a princesa nua!”. O pedido do amigo (e do leitor) vem em seguida: “conta-me como é seu corpo”.<sup>122</sup> A balada é uma história-canção das belezas do corpo da mulher, narrada em linguagem culta e galante, com metáforas como “a porta do Paraíso” para designar a vagina. O conto usa a técnica do desnudamento como adoração artística do corpo-estátua, verificável em *A carne*, de Júlio Ribeiro, e outros romances naturalistas.<sup>123</sup> Dando a entender que todos captaram a mensagem lúbrica por trás dos adjetivos preciosos, o articulista M. de B., do *Liberdade*, censurou Caliban pela “sensualidade irritante” do conto.<sup>124</sup> Irritante significava estimulante ou excitante, mostrando como, naquela sociedade,

---

<sup>120</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. A aranha caranguejeira. O Filhote. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 262, p. 1, 18 set. 1896.

<sup>121</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>122</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. Balada do pajem louco. O Filhote. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 1, 14 ago. 1896.

<sup>123</sup> BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2003.

<sup>124</sup> B., M. de. Literatura: cousas de arte. *Liberdade*, Rio de Janeiro, n. 104, p. 2, 15 ago. 1896.

as estátuas eram objetos eróticos apropriáveis pela literatura pornográfica.

Fig. 6: O Álbum de Caliban, Pimentões e Filhotadas à venda na Livraria Laemmert.



Fonte: ALMANAQUE da *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1901, p. 591.

Com o fim de “O Filhote”, a Livraria Laemmert reuniu e publicou os contos com o mesmo título da subseção da coluna, *Álbum de Caliban*, em 1897 e 1898 (Fig. 6). Os contos anteriores a 1896 foram recolhidos e publicados junto com os novos, em seis fascículos de 50 páginas, por 1.500 réis cada, no formato de

livro de bolso, formando um volume de 300 páginas quando finalizado e encadernado. Os cinco primeiros livretos reuniam 62 contos. O sexto trazia um longo poema erótico em prosa de Caliban para sua amada, Lenora.

A publicação seriada era vantajosa para a livraria, pois elevava o preço final do *Álbum de Caliban* a 9 mil-réis – uma obra cara. A título comparativo, desde 1893 a Livraria do Povo vendia *O aborto*, de Figueiredo Pimentel, na faixa do livro popular a 2 mil-réis, enquanto o *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha, saía a 4 mil-réis na Livraria Moderna. A impressão delicada, bem cuidada e nítida, em papel de boa qualidade, sugere que a Laemmert encarava o *Álbum de Caliban* como um produto fino, direcionado a um leitor diferenciado.

## O sucesso de Caliban

A literatura de Caliban caiu no gosto do público. Em jornais da Bahia, do Recife e de Florianópolis, articulistas comentavam favoravelmente sobre o erotismo jocoso dos escritos. Entre os pares da imprensa houve recepção positiva, embora considerassem Caliban menos importante do que Anselmo Ribas. Falavam bem dos “deliciosos contos”<sup>125</sup> e elogiavam as “páginas eróticas, deliciosamente perfumadas e artísticas”<sup>126</sup> de um livro encantador que cabia no bolso e podia ser lido numa viagem de bonde.<sup>127</sup> Na coluna “Fagulhas”, na *Gazeta de Notícias*, assinada por N (pseudônimo de Coelho Neto), o autor diz que o sucesso de “O Filhote” levou leitores a colecionar recortes da coluna e os reunir em cadernos

---

<sup>125</sup> RESENHA BIBLIOGRÁFICA. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 12583, p. 2, 9 ago. 1898.

<sup>126</sup> TEIXEIRA. Orlando. Tretas. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, n. 222, p. 1, 21 set. 1898.

<sup>127</sup> ÁLBUM DE CALIBAN. *O País*, Rio de Janeiro, n. 4738, p. 1, 23 set. 1897.

improvisados que andavam de mão em mão.<sup>128</sup> A edição da Laemmert vinha tornar essas folhas obsoletas. Numa biografia de Coelho Neto, seu filho Paulo Coelho Neto diz que o *Álbum de Caliban* foi altamente rentável para a Laemmert. A livraria multiplicou por quarenta (20 mil cruzeiros) o valor que pagou ao escritor (500 cruzeiros).<sup>129</sup>

O sucesso de Caliban continuou no começo do novo século. Em 1905, o semanário humorístico *O Malho* lançou uma nova série do *Álbum*. O articulista revisita metáforas shakespearianas para dizer que Caliban, depois de longo sumiço, “compadecido da sorte mesquinha dos homens deste país tristonho”, saía de sua caverna “disposto a espalhar profusamente o elixir do riso”.<sup>130</sup> O periódico reafirma o princípio rabelaisiano da alegria como alimento da alma, lembra a reputação de Caliban como autor de literatura apimentada e promete que a nova série será “a fina flor” das “novelas desopilantes”.<sup>131</sup> A ideia era publicar uma novela por mês, em edições ilustradas. Antes do aparecimento do primeiro volume, a revista anuncia a novidade em quadrinhas estimulantes:

O fruto que Eva comeu,  
Diz a Bíblia, foi maçã;  
mas, agora, afirmo eu:  
Foi o *Álbum de Caliban*.<sup>132</sup>

\*

Quem tiver a alma acesa

---

<sup>128</sup> N [Coelho Neto]. Fagulhas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 232, p. 1, 20 ago. 1897.

<sup>129</sup> COELHO NETO, Paulo. *Imagem de uma vida*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1957, p. 40.

<sup>130</sup> ÁBUM DE CALIBAN. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 123, p. 4, 21 jan. 1905.

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>132</sup> Idem, *ibidem*, p. 4.

E a carne robusta e sã  
Há de gostar com certeza  
Do *Álbum de Caliban*.<sup>133</sup>

Dando a entender que a posse do livro tornava seu proprietário atraente às mulheres, *O Malho* rimava:

Não resiste uma mulher  
Ao meu porte de galã!  
Quanto mais quando eu tiver  
O *Álbum de Caliban*.<sup>134</sup>

O primeiro volume apareceu em abril de 1905 com o título *Inocêncio inocente (Álbum de Caliban. Nova Série. Ilustrado)*. A publicação tinha 80 páginas e era vendida por 2 mil-réis em livrarias e jornaleiros. Como indica o título, a história usa o argumento do rapaz inexperiente – “chegou à barba sem que sua alma fosse tocada pela malícia” – que se mete em aventuras picarescas de desastres e descobertas dos segredos da vida conjugal.

Nesse sentido, o livro funcionava como um manual de aconselhamento sexual, na tradição dos romances de aprendizado da literatura libertina, como o anônimo *L'Ecole des filles ou La Philosophie des dames* (1655).<sup>135</sup> *O Malho* fala literalmente de uma “aprendizagem para o casamento” contida na nova história de Caliban, que incluía a “noite esponsalícia”, traduzida na “boa linguagem” do autor.<sup>136</sup> Desde o século XIX os “livros para homens” (incluindo a ficção naturalista) eram vistos como propagadores de conhecimento carnal, avidamente procurados pelo leitor jovem. Na virada do século, com a

---

<sup>133</sup> Idem, *ibidem*, p. 17.

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*, p. 31.

<sup>135</sup> GOULEMOT, op. cit.

<sup>136</sup> O MALHO, Rio de Janeiro, n. 122, p. 4, 14 jan. 1905.

proliferação de obras interessadas em ensinar os leitores a serem competentes no ato sexual,<sup>137</sup> Caliban assumia abertamente o perfil libertino de professor de sexo, que entretém e ilustra ao mesmo tempo o leitor.

A nova série do *Álbum* não passou do primeiro número, mas em 1923 Monteiro Lobato fez, em São Paulo, uma nova edição da novela de Caliban com um título novo: *O arara*. Usava uma gíria da época e traduzia a mesma ideia de ingenuidade e atrapalhação, significando um “sujeito bocó, que não sabe lidar com mulheres”.<sup>138</sup> Mantendo o substrato rabelaisiano e a atmosfera mágica das comédias de Shakespeare, a vida de Inocêncio é narrada desde o nascimento pantagruélico (nasceu com mais de 8 quilos) até o casamento. Como Pantagruel, Inocêncio perdeu a mãe no parto devido ao esforço de trazê-lo ao mundo. Órfão de mãe, ficou aos cuidados de uma tia que o incentivava a ficar afastado do sexo oposto. Com idade para se casar, Inocêncio ainda era virgem. Preocupada com o futuro do sobrinho, a tia pede ao vigário que se torne seu preceptor. Ele encaminha o rapaz para Dona Margarida, sua amante e cortesã de renome, com quem adquire conhecimento teórico e prático. Por fim, Inocêncio se casa com a fogosa Donaria, que dá à luz três filhos: um menino, uma menina e um terceiro incompleto, sem sexo definido. O terceiro morre, mas os outros crescem gordos e felizes “e vivem todos como no paraíso”.<sup>139</sup>

A fama de Caliban como autor de “literatura alegre” sobreviveu à morte de Coelho Neto em 1934 e perdurou até a

---

<sup>137</sup> FONTOURA JR., Antônio José. *Pedagogias da sexualidade e relações de gênero: os manuais sexuais no Brasil (1865-1980)*. Tese (Doutorado em História) – UFPB, Curitiba, 2019.

<sup>138</sup> PRETI, Dino. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica, baseado no Dicionário moderno de Bock de 1903*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 212.

<sup>139</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. *O arara*. São Paulo: Edição Monteiro Lobato, 1923, p. 98.

década de 1940, quando apareceu uma edição clandestina do *Álbum de Caliban*, supostamente publicada em Nova York. O volume traz 38 contos, sendo alguns publicados originalmente em “O Filhote”, trechos d’*O arara* e até um capítulo picante retirado do romance *Turbilhão* (1906), com o título “Ritinha”. Eram escritos de Coelho Neto, mas reunidos e publicados à revelia dos herdeiros do escritor, comprovando a notoriedade (e longevidade) de Caliban.

O prefácio reafirma o princípio libertador do riso de Rabelais e lembra que “tristezas não pagam dívidas”, máxima que tinha sido usada como epígrafe no volume *Casos alegres*, de Pierrot.<sup>140</sup> A novidade da edição de 1941 é a inserção de 10 fotografias de mulheres brancas nuas ou seminuas, supostamente atrizes do cinema americano (Fig. 7).<sup>141</sup>

Fig. 7: Foto sensual na edição pirata do Álbum de Caliban (1941).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

As imagens não têm relação com os escritos e contam suas próprias histórias. Apoiam-se no imaginário gótico de mulheres aprisionadas em calabouços e na fantasia do harém turco, que não seriam estranhos à imaginação de Caliban.

---

<sup>140</sup> Idem. *Álbum de Caliban*. Nova York: Mature Press, [194-], p. 3.

<sup>141</sup> COELHO NETO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Neto*. Rio de Janeiro: INL, 1972, p. 45.

## Zola como referência pornográfica no Brasil<sup>142</sup>

Pode parecer estranho que, no primeiro momento de circulação, a ficção naturalista tenha sido considerada uma forma de pornografia, mas evidências dessa percepção são encontradas facilmente em documentos da *Belle Époque*. Quando lemos notas, notícias, resenhas críticas, comentários, anúncios de livrarias e a ficção do período, somos repetidamente confrontados com a percepção de que a ficção naturalista circulava como pornografia naquela sociedade. Não era uma literatura científica e moralizadora, como afirma a historiografia tradicional; ao contrário, era ficção erótica, conhecida pelas cenas de sexo e nudez. A ficção naturalista era rotineiramente anunciada, vendida e lida como “leitura para homens”, como livros capazes de acender o desejo sexual e incendiar o corpo do leitor. Era associada ao escândalo e à masturbação. Seu sucesso comercial derivava dessa percepção. No Brasil, livros naturalistas circulavam secretamente como material erótico entre os estudantes, que os consideravam preciosos, revigorantes e libertários.

Se olharmos com atenção para o fenômeno, vemos como ele fazia sentido. Tanto a pornografia quanto a ficção naturalista se baseavam no cientificismo e no materialismo filosófico. A pornografia foi um dos gêneros capazes de descrever o mundo da natureza mecanizada, atomizando e desnudando os corpos, que passavam a ser vistos como simples

---

<sup>142</sup> Este capítulo foi originalmente publicado em inglês como artigo revisado pelos pares na revista *Excavatio: International Review for Multidisciplinary Approaches and Comparative Studies Related to Emile Zola and Naturalism Around the World*, Edmonton (Canadá), v. XXX, 2018. Com a permissão do editor-chefe, ele foi traduzido e reformulado para retirar redundâncias e se encaixar no encadeamento dos capítulos.

matéria em movimento<sup>143</sup> – uma crença que é perceptível no investimento do naturalismo na repetição, na biologia e na vida instintiva. Assim como a pornografia, o naturalismo era realista e adotava o romance como forma literária.<sup>144</sup> As mesmas energias sociais que deram origem ao romance moderno – individualismo, relativismo, empirismo e cultura urbana – contribuíram para o nascimento da pornografia.<sup>145</sup> Tanto o romance naturalista quanto a pornografia apelam para a ciência como autoridade intelectual e defendem a ideia de que a natureza é moralmente neutra.<sup>146</sup> Ambos adotam uma elocução distanciada que evita julgar. A noção materialista da natureza evidentemente incentiva o erótico.<sup>147</sup> Se o naturalismo pretendia dizer a verdade sobre a natureza e a vida corporal humana, o sexo era inevitável.

A acusação de que a ficção naturalista era pornográfica foi comum na Europa e no Brasil até pelo menos a década de 1920. Os escritores eram acusados de reduzir a arte do romance ao comércio sexual. Ver o sexo como uma força dominante na ação humana era uma provocação e uma ameaça ao tom moral e político da sociedade. Considerados obscenos, os livros naturalistas enfrentaram forte resistência no Brasil. O influente crítico José Veríssimo denunciou a tradição pornográfica subliminar ao naturalismo científico.<sup>148</sup> O escritor português Manuel Pinheiro Chagas expressou uma opinião popular na época quando acusou os autores naturalistas de escreverem

---

<sup>143</sup> JACOB, op. cit.

<sup>144</sup> GOULEMOT, op. cit.

<sup>145</sup> MARCUS, op. cit.

<sup>146</sup> VARTANIAN, Aram. La Mettrie, Diderot, and Sexology in the Enlightenment. In: MACARY, Jean (ed.). *Essays on the Age of Enlightenment in Honor of Ira O. Wade*. Genève: Droz, 1977, p. 347-367.

<sup>147</sup> KEARNY, Patrick. *A History of Erotic Literature*. Hong Kong: Parragon, 1982.

<sup>148</sup> VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Teoria, Crítica e História Literária*. São Paulo: Edusp, 1977, p 179-202.

literatura licenciosa velada por uma intenção científica.<sup>149</sup> Ele censurava a baixa pornografia de Zola.<sup>150</sup> Para o padre português José Joaquim de Sena Freitas, a ficção naturalista e a pornografia eram casos de polícia.<sup>151</sup> Em sua famosa resenha d'*O primo Basílio*, Machado de Assis chamou o naturalismo de uma arte nebulosa e desonesta.<sup>152</sup> A percepção de que o naturalismo era obsceno era tão predominante – mesmo nos círculos literários – que Eça de Queiroz achava uma perda de tempo argumentar contra ela.<sup>153</sup>

Apesar disso, os escritores naturalistas resistiam a essas apropriações e as contestavam. A associação com a obscenidade prejudicava sua posição na boa sociedade e desafiava as alegações de seriedade científica dos escritos. O julgamento bem-sucedido de *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, fornecia o argumento de defesa.<sup>154</sup> A intenção não era despertar a imaginação licenciosa do leitor, mas, ao contrário, expor e denunciar a corrupção da sociedade (que incluía o comportamento sexual desregrado), por meio da observação e

---

<sup>149</sup> As mesmas acusações foram feitas aos manuais médicos populares no século XVIII, mostrando como a apropriação do discurso sexual e científico como pornografia (e a resistência a ele) ocorria antes do surgimento do naturalismo. Cf. PORTER, Roy. *Forbidden Pleasures: Enlightenment Literature of Sexual Advice*. In: BENNET, Paula; ROSARIO, Vernon (eds.). *Solitary Pleasures: The Historical, Literary, and Artistic Discourses of Autoeroticism*. Nova York: Routledge, 1995, p. 75-98.

<sup>150</sup> CHAGAS, Manuel Pinheiro. As ideias científicas de Emilio Zola. *O País*, Rio de Janeiro, n. 4130, p. 1, 28 ago. 1893.

<sup>151</sup> FREITAS, José Joaquim de Sena. *A carniça*, por Júlio Ribeiro. In: RIBEIRO, Júlio; FREITAS, José Joaquim de Sena. *Uma polêmica célebre*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1935, p. 29-51.

<sup>152</sup> ELEAZAR, op. cit.

<sup>153</sup> QUEIROZ, José Maria Eça de. Prefácio dos “Azulejos”. *A Semana*, Rio de Janeiro, n. 120, p. 2-3, 16 abr. 1887.

<sup>154</sup> KENDRICK, op. cit., p. 178.

do estudo.<sup>155</sup> Ao condenar os efeitos da desonestidade – a adúltera Emma é punida com a morte –, o romance garantia a moralidade. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado a *Naná* (1880), de Zola, e a *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. No intuito de elevar o naturalismo acima do discurso pornográfico, o chamado “argumento pedagógico” foi evocado por quase todos os escritores naturalistas, tendo sido assimilado como fato pela historiografia literária. Como tende a naturalizar a autoimagem dos escritores dominantes, a historiografia costuma apresentar os romances naturalistas como obras moralizadoras, sem considerar os modos como os livros eram apropriados e lidos por livreiros e leitores não especialistas.

Os documentos do século XIX sugerem que o argumento pedagógico não foi levado a sério fora dos circuitos letrados. Pelas páginas d’*O Apóstolo*, a Igreja Católica lutou continuamente, durante décadas, contra o argumento falacioso de que a ficção naturalista visava à elevação moral da sociedade: “a escola realista lançou mão desse pretexto [fazer estudos] para desculpar as suas torpezas”.<sup>156</sup> Periódicos conservadores como o *Jornal do Comércio* e o monarquista *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, travavam as mesmas batalhas e concordavam que o “argumento pedagógico” era uma afronta à inteligência alheia. Para livreiros e editores, por outro lado, a perspectiva do naturalismo como literatura lasciva significava bons negócios. Ajudava a aumentar as vendas do árido romance científico, que os leitores podiam ler seletivamente, destacando apenas as sequências picantes. Raramente o “argumento pedagógico” chegou aos leitores comuns, editores e livreiros. Se alguém quisesse comprar um livro naturalista

---

<sup>155</sup> SANTANA, Maria Helena. O naturalismo e a moral ou o poder da literatura. *Soletrar*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 158-171, 2015.

<sup>156</sup> ALMEIDA, Izaías de. *O primo Basílio*: por Eça de Queiroz. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, n. 64, p. 3, 5 jun. 1878.

numa livraria, as seções de literatura pornográfica eram o lugar certo para procurar.

Como figura central do movimento, Émile Zola se tornou uma importante referência de licenciosidade no Brasil. No romance *A normalista* (1893), de Adolfo Caminha, bem como em outras obras literárias da época, ser flagrada lendo Zola era suficiente para arruinar a reputação de uma moça. Seu nome era evocado pela imprensa como meio de identificar comportamentos obscenos e ilegais na sociedade. Ao noticiar sobre atentados ao pudor ou crimes horríveis, os jornalistas usavam expressões (parafraseadas livremente) como “uma cena vergonhosa que parecia ter saído de um romance de Zola” ou “um personagem depravado que somente Zola poderia imaginar e descrever”. A expressão “falar frases de um romance de Zola” era um eufemismo para linguagem chula. A obra do autor francês representava uma contranarrativa materialista ao discurso religioso. Representava o não convencional, o libidinoso e o rebelde. Era um lugar onde se podia encontrar descrições realistas da atividade sexual e usá-las para refrescar a mente e animar o corpo.

### **A celebidade de Zola no Brasil**

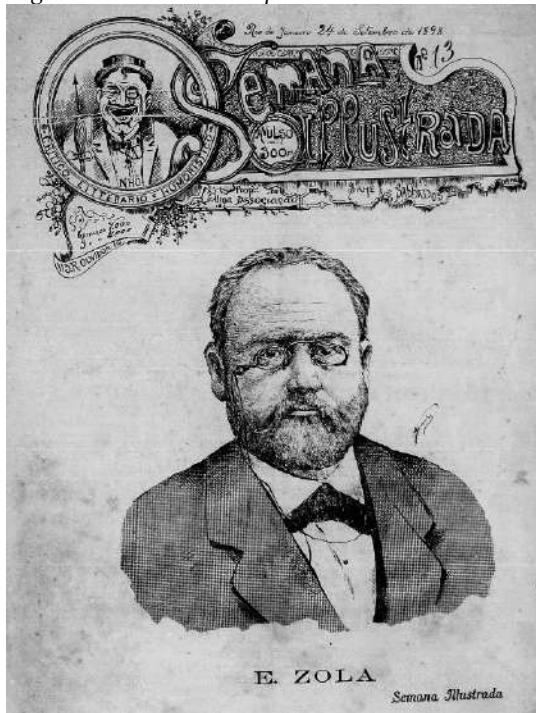
Émile Zola foi um dos escritores vivos mais famosos do seu tempo. Graças à crescente circulação transatlântica de impressos no século XIX, arte e ideias podiam viajar da Europa para o Brasil (e vice-versa) em questão de semanas, criando a sensação tangível de uma comunidade globalizada, com gostos, modos de ver e sentir, sentimentos e pessoas famosas compartilhados.<sup>157</sup> Zola foi uma celebridade internacional, no

---

<sup>157</sup> ABREU, Márcia. Fiction As an Element of Cultural Connection. In: \_\_\_\_\_ (ed.). *The Transatlantic Circulation of Novels between Europe and Brazil, 1789-1914*. Londres: Palgrave, 2017, p. 1-12.

sentido de que sua figura pública, graças à mídia de massa, extrapolou sua área de trabalho e seu país.<sup>158</sup> Como uma personalidade globalizada, ele atraía muita atenção (Fig. 8). Uma quantidade espantosa de informações sobre ele circulava nos periódicos brasileiros do século XIX, de todas as regiões, variando de fofocas pessoais a disputas literárias e políticas. O *status* de celebridade de Zola transformou sua figura pública numa marca registrada internacional que representava muitas coisas: agitação política, linguagem chula e obscenidade, mas também republicanismo, talento literário e reforma social. Era amado e odiado com igual paixão.

Fig. 8: Émile Zola na capa da Semana Ilustrada.



Fonte: Semana Ilustrada, Rio de Janeiro, n. 13, 24 set. 1898.

<sup>158</sup> TURNER, Graeme. *Understanding Celebrity*. Los Angeles: Sage, 2004.

Uma marca da cultura da celebritezade é a atenção dada ao que acontece na vida privada da pessoa famosa.<sup>159</sup> Os leitores brasileiros podiam encontrar informações sobre a casa, o escritório, o casamento, as viagens, as querelas, a renda, as doenças, a vida social e a morte súbita de Zola. A fama fez do escritor um alvo de vigaristas, como o falso jornalista que roubou objetos de valor de seu escritório enquanto o aguardava para uma entrevista.<sup>160</sup> Podia-se ler nos jornais que, em Paris, um cocheiro estava acusando injustamente Madame Zola de não pagar por uma corrida.<sup>161</sup> Os fãs podiam se envolver simbolicamente com o escritor famoso ao se preocuparem com sua saúde, quando ficaram sabendo que Zola estava perdendo a visão e que os médicos lhe haviam recomendado repouso total.<sup>162</sup> Até um perfil médico estava disponível para os admiradores mais fervorosos, no qual era possível encontrar informações sobre a infância e as predisposições físicas do escritor.<sup>163</sup>

A fama de Zola pode ser confirmada pela presença de sua estátua de cera no *Musée Parisien*, inaugurado no Rio de Janeiro em 1892 – na época, o único do gênero na América do Sul. O hábito de imortalizar pessoas renomadas em cera começara na França com Madame Tussoud, que ficou famosa por sua representação de Voltaire em 1777.<sup>164</sup> O *Musée Parisien* parece

---

<sup>159</sup> DRIESSENS, Olivier. The Celebritization of Society and Culture: Understanding the Structural Dynamics of Celebrity Culture. *International Journal of Cultural Studies*, Los Angeles, v. 16, n. 6, p. 641-657, 2013.

<sup>160</sup> EMILIO ZOLA FOI ROUBADO HÁ POUCO. *A República*, Belém, 6 abr. 1893, p. 2.

<sup>161</sup> OS JORNAIS DE PARIS. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 3040, p. 2, 13 nov. 1893.

<sup>162</sup> EMILIO ZOLA ESTÁ QUASE CEGO. *Diário de Notícias*, Belém, n. 1989, p. 2, 17 dez. 1890.

<sup>163</sup> O SISTEMA NERVOZO DOS ARTISTAS. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, n. 114, p. 1, 19 maio 1897.

<sup>164</sup> BERRIDGE, Kate. *Madame Tussaud: A Life in Wax*. Nova York: William Morrow, 2006.

ter sido bem-sucedido, apesar de sua coleção modesta, que incluía celebridades cujos nomes eram mantidos em segredo e personagens da vida cotidiana, como a cartomante, o engraxate, o inglês indiscreto.<sup>165</sup> Com ingressos acessíveis de 1 mil-réis para adultos e 500 réis para crianças, atraía uma média de duzentas pessoas por dia.<sup>166</sup> A diretora do estabelecimento era a francesa Sylvie Daydl.<sup>167</sup> Ela era ligada ao Museu de Cera Grévin, em Paris, e trouxe alguns de seus trabalhos para o Brasil.<sup>168</sup> A estátua de Zola foi aberta ao público em abril de 1893. Ele aparecia sentado em sua mesa de trabalho, “com suas principais obras espalhadas sobre ela”.<sup>169</sup> Aparentemente, foi o único escritor a receber tal honraria.

O renome de Zola foi posto à prova durante o Caso Dreyfus, em 1898. Na conhecida exposição *J'Accuse*, o escritor claramente se vale do poder de sua celebridade para promover uma causa política.<sup>170</sup> O caso foi amplamente noticiado no Brasil, em periódicos de todas as regiões e convicções.<sup>171</sup> O *Apóstolo* chamava-o de “O caso Zola”, como uma denúncia irônica do papel central desempenhado pelo abominado escritor na polêmica.<sup>172</sup> Depois que Zola foi condenado a um ano de prisão e multado em 3 mil francos, médicos, boticários e estudantes de medicina da Bahia fundaram o Clube Emilio Zola, como um centro para arrecadar doações e ajudar a pagar a

---

<sup>165</sup> MUSÉE Parisien. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 204, p. 8, 8 maio 1892.

<sup>166</sup> MUSÉE Parisien. *O Tempo*, Rio de Janeiro, n. 506, p. 6, 16 out. 1892.

<sup>167</sup> ALMANAK Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laemmert, 1894, p. 383.

<sup>168</sup> MUSÉE Parisien. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 97, p. 3, 6 abr. 1892.

<sup>169</sup> MUSÉE Parisien. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 121, p. 1, 1 maio 1893.

<sup>170</sup> BOURDIEU, op. cit.

<sup>171</sup> MARTINS, Eduarda Araújo da Silva. *Da literatura à política: Émile Zola e o caso Dreyfus no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2024.

<sup>172</sup> QUESTÃO Zola. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 3, 13 mar. 1898.

dívida.<sup>173</sup> Mas seus inimigos se alegraram com os reveses. Em 4 de junho de 1908, quando seus restos mortais foram depositados no Panteão, em Paris, sob aplausos e vaias de admiradores e opositores, o correspondente do jornal *O País* na cidade, Xavier de Carvalho, entrevistou pessoas nas ruas próximas. A opinião predominante na multidão, ele escreve, era de que Zola havia defendido Dreyfus com o único intuito de obter lucro financeiro e que só havia escrito livros pornográficos.<sup>174</sup>

Os livros de Zola estavam disponíveis como “leitura para homens” nas livrarias brasileiras de todas as regiões, em francês ou em traduções, geralmente importadas de Portugal. Eles tinham o *status* semiclandestino de material obsceno, mas um leitor com 3 ou 4 mil-réis poderia com facilidade comprar uma nova cópia de *L'Assmmoir* (1877), *La Curée* (1872), *Le Ventre de Paris* (1873), *Le Capitaine Burle* (1882), *Germinal* (1885), *La Terre* (1887), *La Débâcle* (1892) e o altamente popular *Naná* (1880), entre outros. Eles apareciam ao lado de brochuras apócrifas de baixo preço citadas no primeiro capítulo, como *Contos saltitantes que causam arrepios na espinha* “e outras obrinhas para desenvolver o apetite com umas pimentinhas, próprias para desenferrujar no tempo frio”.<sup>175</sup> Em comentários devastadores, Zola era chamado de “o francês degenerado”,<sup>176</sup> mas a maioria dos homens de letras achava que, apesar de moralmente duvidoso, ele era um gênio moderno.

Em colunas humorísticas de periódicos de todas as regiões do Brasil, a menção ao nome e obras de Zola sinalizava comportamento lascivo, sexo e nudez. Uma nota publicada no

---

<sup>173</sup> CLUB Emilio Zola. *Jornal de Notícias*, Bahia, n. 5456, p. 2, 14 mar. 1898.

<sup>174</sup> CARVALHO, Xavier de. Carta de Paris. *O País*, Rio de Janeiro, n. 8667, p. 4, 26 jun. 1908.

<sup>175</sup> LIVROS Baratíssimos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 125, p. 8, 5 maio 1886.

<sup>176</sup> ZOLA. *Cidade do Salvador*, Bahia, n. 353, p. 1, 4 mar. 1898.

*Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em janeiro de 1890, sobre o controle da prostituição e do lenocínio na cidade, ilustra o padrão. Tendo recentemente deposto a monarquia e revogado a escravidão, o país tentava adotar medidas para projetar uma imagem mais civilizada da capital. Dirigindo-se ao chefe de polícia pelo nome, o jornalista pedia às autoridades que prendessem “os miseráveis cujos instintos torpes foram perfeitamente descritos no *L'Assommoir*, de Emilio Zola, do desgraçado para quem a palavra honra tem valor nulo e a moeda traça o limite da dignidade”.<sup>177</sup> Como outro exemplo entre muitos, na coluna “Variedades” do mesmo jornal carioca, o redator define o amor brasileiro como “um volume das poesias de Casimiro de Abreu, em cuja capa se lê: *Naná*, de Emilio Zola”, dando a entender que a obra do escritor naturalista francês representava, ao menos no Brasil, a fisicalidade do sexo por trás de todo discurso amoroso.<sup>178</sup>

Ao longo do século XIX e até o começo do século XX, a expressão “literatura francesa” evocava os limites da obscenidade, com Rabelais, Sade e Zola citados como figuras exemplares da inadmissibilidade literária.<sup>179</sup> Comprovando essa percepção no Brasil, o *Diário de Belém*, em junho de 1885, culpou a leitura da literatura francesa pelo aumento de exposições públicas indecentes na capital nortista. A notícia reclamava de um exibicionista que, depois do trabalho, desfilava nu numa padaria, com portas e janelas abertas para todos verem. O redator especula que o jovem só poderia ser um dos seguidores assíduos de Zola, sem consideração pela moral e pelos bons costumes.<sup>180</sup> Da mesma forma, o diário *O Cearense*, de Fortaleza, publicou em outubro de 1888 a anedota de uma conversa entre

---

<sup>177</sup> MEDIDAS Justas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 1673, p. 1, 13 jan. 1890.

<sup>178</sup> VARIEDADES. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 1666, p. 2, 6 jan. 1890.

<sup>179</sup> LADENSON, op. cit.

<sup>180</sup> MORALIDADE Pública. *Diário de Belém*, Belém, n. 124, p. 2, 3 jun. 1885.

dois clientes em uma taberna. Um deles, que era admirador dos escritores naturalistas, sugere que, após a morte de Léon Gambetta, Zola estava preparado para ser o próximo presidente francês. O outro responde: “Deus nos acuda! Em pouco tempo punha a França nua em pelo!”.<sup>181</sup> Outra vez, Zola e a ficção naturalista tangenciavam a ilegalidade ou, ao menos, a clandestinidade, como a prostituição, a nudez e o lenocínio.

Essa percepção não se limitava a jornalistas, livreiros gananciosos ou leitores iletrados. A crítica de Artur Azevedo ao romance *La Terre*, publicada no jornal *Novidades*, do Rio de Janeiro, em outubro de 1887, oferece prova de que até escritores cultos achavam que Zola ia longe demais e se tornava pornográfico. Artur era um jornalista, dramaturgo, poeta, contista e crítico muito influente. Não era um puritano e admirava Zola. Ele admitia que *La Terre* não era um livro efêmero e era digno de estar ao lado de *L'Assommoir* e *Germinal*, mas sua obscenidade e linguagem chula eram desnecessárias e nada acrescentavam à “fisiologia do livro”. Ele suspeita que o único objetivo era escandalizar o público e atrair compradores. Sexo e obscenidade como fins em si mesmos são uma definição de pornografia. Ele escreve: “Algumas páginas dão ao leitor vontade de tapar o nariz; outras inspiram um sentimento de mágoa aos admiradores do mestre, que se lastimam de que, sem necessidade, escrevesse essas imundícies, ele, o glorioso herdeiro de Balzac!”.<sup>182</sup> Artur adverte que *La Terre* colocava sob suspeição as boas intenções de Zola (e do naturalismo).

As notícias sobre o julgamento do editor inglês Henry Vizitelly, em 1888, por comercializar romances naturalistas franceses, aumentavam a percepção de que Zola era um autor sujo. Em setembro de 1888, no jornal *A Regeneração*, de Desterro,

---

<sup>181</sup> PARA Divertir. *O Cearense*, Fortaleza, n. 244, p. 1, 25 out. 1888.

<sup>182</sup> ELÓI, o Herói [Artur Azevedo]. De Palanque. *Novidades*, Rio de Janeiro, n. 227, p. 1, 18 out. 1887.

atual Florianópolis, lia-se que Vizetelly estava sendo processado em Londres por traduzir e vender edições de *Nana*, *La Terre* e *Pot-Bouille*.<sup>183</sup> O promotor leu fragmentos de *La Terre*, cuja linguagem baixa e energia sexual violenta eram consideradas difíceis de suportar. Logo o presidente do júri se levantou e implorou: “Poupai aos nossos ouvidos o mancharem-se com essas indecências”.<sup>184</sup> Vizetelly foi condenado e multado em 100 libras. Recebeu ordens de retirar de circulação os livros traduzidos de Zola. O livreiro não obedeceu e no ano seguinte foi julgado e condenado novamente, sentenciado a três meses de prisão e forçado a declarar falência.<sup>185</sup> Isso estava acontecendo em Londres, na capital da civilização moderna. Ninguém poderia alegar que era incivilizado proibir os livros de Zola com base na obscenidade e imoralidade.

Aos olhos do público, a reputação de Zola como escritor imoral fazia sentido porque ele era o autor de *Nana*, um dos livros pornográficos mais famosos do período.<sup>186</sup> A trajetória de altos e baixos da cortesã parisiense foi o livro mais popular de Zola no Brasil. Numa crônica de 1905 do João do Rio, o romance aparece na lista dos dez livros mais pedidos na Biblioteca Nacional.<sup>187</sup> Era garantia de descrições realistas da atividade sexual e funcionava como chamariz para a venda de outras obras do autor. Em maio de 1880, três meses após sua publicação na França, a tradução brasileira estava à venda nas livrarias por 3 mil-réis. Embora quase todos os romances de

---

<sup>183</sup> ZOLA. *A Regeneração*: Jornal da Província de Santa Catarina, Desterro, n. 198, p. 2, 20 set. 1888.

<sup>184</sup> ZOLA na Inglaterra. *A Regeneração*, Desterro, n. 4, p. 1, 5 jan. 1889.

<sup>185</sup> KENDRICK, op. cit.

<sup>186</sup> MENDES, Leonardo. The Bachelor's Library: Pornographic Books on the Brazil-Europe Circuit in the Late Nineteenth Century. In: ABREU, op. cit., 2017, p. 79-100.

<sup>187</sup> RIO, João do [Paulo Barreto]. Os leitores da biblioteca. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 2, 6 fev. 1905.

Zola pudesse ser encontrados no Brasil, *Naná* era o único que aparecia sozinho nos anúncios das livrarias, como prova de sua atratividade e importância (Fig. 9). A editora Félix Ferreira & Cia., do Rio de Janeiro, alegava que “os excessos da linguagem realista” haviam sido expurgados da tradução.<sup>188</sup> Mesmo assim, o risco de escândalo pode ser medido pela cautela do tradutor de usar o pseudônimo de Basílio de Brito, para se proteger, como faziam os autores pornográficos.

*Fig. 9: Anúncio da edição brasileira de Nana.*



Fonte: Correio Paulistano, São Paulo, n. 7044, p. 4, 21 maio 1880.

<sup>188</sup> JÁ está publicado. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 149, p. 1, 30 maio 1880.

*Nana* foi continuamente anunciado como “leitura para homens” até o início do século XX e estava disponível em livrarias de todas as regiões do Brasil. O potencial do livro para o consumo pornográfico pode ser mais bem compreendido quando lemos a reação de escritores católicos, como o Visconde de Taunay. O autor de *Inocência* (1872) alegou odiar o livro, mas admite que foi fisigado e leu as “524 páginas numa única sentada”. Taunay denuncia e descreve as obscenidades naturalistas, funcionando como confissão da leitura pornográfica do romance e convite para o leitor seguir o mesmo caminho. Uma das “imoralidades” de *Nana* era o lesbianismo, um tema picante até então reservado à literatura erótica e libertina. Propõe uma descrição do romance que serviria a qualquer obra pornográfica: “uma orgia sem fim, com episódios repetidos”, escrito e publicado para aferir lucro.<sup>189</sup> *O Apóstolo* parabenizou Taunay por “sua condenação do famoso *Nana*”, esperando que ele continuasse a censurar “esses imundos romances que da Europa são importados, e que outro resultado mais não produzem senão desmoralizar a nossa mocidade”.<sup>190</sup>

Na imprensa brasileira, podia-se ler sobre as peças adaptadas dos romances de Zola sendo interrompidas pelo público enfurecido na Europa, que gritava, devido à sua obscenidade: “Chega! Basta!”. Em outubro de 1881, *O Apóstolo* divulgou com fanfarra a notícia de que, em Berlim e Viena, cópias da tradução alemã de *Nana* haviam sido confiscadas e destruídas. Como ocorreu com Vizetelly, os editores alemães foram processados “por crime de atentado aos bons costumes”.<sup>191</sup>

---

<sup>189</sup> DINARTE, Sylvio [Visconde de Taunay]. *Nana*, por Emilio Zola. In: \_\_\_\_\_. *Estudos críticos, II: Literatura e Filologia*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1883, p. 20.

<sup>190</sup> OFERTAS. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 2, 6 jun. 1883.

<sup>191</sup> EMILIO Zola e a Polícia de Berlim. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, n. 7463, p. 2, 21 out. 1881.

Em dezembro de 1896, a gazeta *Gutemberg*, de Maceió, noticiou que os livros de Zola retidos pela alfândega de Boston, nos Estados Unidos, estavam autorizados a circular legalmente. A decisão ilustra o debate sobre a imoralidade da ficção naturalista e sua capacidade de moldar as condutas dos leitores: “A autoridade declarou que os livros de Zola são imorais, mas não obscenos”.<sup>192</sup> Era uma decisão ambígua e incomum no período. A distinção entre imoral e obsceno não era clara, mas sinalizava a busca, que vinha do julgamento de *Madame Bovary*, de um discurso ficcional admissível sobre o sexo, sério e bem-feito, que não poderia ser rebaixado e taxado de obsceno ou pornográfico.

Zola foi uma celebridade do sexo e da obscenidade no Brasil da *Belle Époque*. Sua onipresença como referência pornográfica comprova a popularidade do escritor e dos livros naturalistas no Brasil. O nome e os livros de Zola testavam os limites da legalidade e da admissibilidade na literatura, incluindo a representação realista do sexo e da nudez, apoiando-se no discurso pornográfico para colocar os personagens em movimento. Zola era um dos principais fornecedores de literatura erótica e carnal para leitores no Brasil oitocentista, apesar de suas boas intenções. A pornografia de Zola não deve ser tratada como um mal-entendido de leitores contemporâneos iletrados, mas como uma faceta de sua literatura que era tão importante quanto (e congruente com) sua dimensão documental e científica.

---

<sup>192</sup> EMILIO Zola. *Gutemberg*, Maceió, n. 282, p. 2, 20 dez. 1896.



## **O aborto, de Figueiredo Pimentel, e a ascensão do impresso popular erótico<sup>193</sup>**

No Brasil, nas duas últimas décadas do século XIX, ocorre um crescimento nas atividades de impressão e de leitura que foi, até recentemente, negligenciado pela historiografia tradicional. Isso acontece porque o discurso acadêmico costuma tomar como pulso da vida literária e cultural as atividades de autores da elite letrada, como José de Alencar e Machado de Assis, e de editores e livreiros como Baptiste-Louis Garnier, da Livraria Garnier, no Rio de Janeiro, localizada na central e elegante Rua do Ouvidor, e que só publicava obra de escritores consagrados. Outras editoras menos notórias e a circulação de literatura popular costumam ser desconsideradas por estarem fora das definições canônicas de literatura. O que passou despercebido foi um dinâmico mercado de impressos populares e pornográficos na *Belle Époque*, com uma oferta abundante de títulos, formatos, gêneros e preços, implicando milhares de leitores ávidos por livros e leitura.

Esse quadro dinâmico está em contradição com o cenário sombrio que os escritores da elite do período tendiam a projetar, reclamando das vendas baixas de livros e da falta de leitores qualificados, daí a necessidade de educar o público para ensiná-lo a apreciar a literatura considera autêntica, ou seja,

---

<sup>193</sup> Este capítulo foi originalmente publicado em inglês no livro *Comparative Perspectives on the Rise of the Brazilian Novel*, organizado por Sandra Vasconcelos e Ana Cláudia Suriani da Silva e publicado em Londres pela UCL Press, em 2020. Uma versão estendida foi publicada no volume *Figueiredo Pimentel: um polígrafo na Belle Époque*, organizado por mim e Pedro Paulo Catharina e publicado em São Paulo pela Editora Alameda, em 2019. Os textos foram fundidos e reformulados para retirar redundâncias e se encaixar no encadeamento dos capítulos.

aquela produzida por eles.<sup>194</sup> Tomando a autoimagem dos escritores dominantes como um espelho da realidade, a historiografia tende a confirmar o estado de “acústica reduzida” dos livros e da leitura na *Belle Époque*.<sup>195</sup> No entanto, na mesma época em que Valentim Magalhães declarava que alguns escritores já conseguiam ganhar dinheiro que dava comprar pão, mas não manteiga,<sup>196</sup> Pedro Quaresma estava vendendo milhares de cópias de *Elzira, a morta virgem*, o “romance de sensação” que marcou a *Belle Époque* e permaneceu em catálogo até a década de 1920.<sup>197</sup> Esse amplo público leitor era culturalmente referenciado e suas práticas de leitura tão legítimas quanto as da elite.<sup>198</sup>

### **Pedro Quaresma e o mercado do impresso popular erótico**

Pedro Quaresma foi um dos principais agentes do mercado livreiro da *Belle Époque*. Ele entrou para o negócio no final da década de 1870, no início da expansão editorial. Pelos meados da década de 1890, sua Livraria do Povo, na Rua São José, tornara-se um dos locais mais conhecidos de venda de livros da cidade, alternativo às elegantes livrarias da Rua do Ouvidor. Quaresma ganhou clientela explorando o filão de livros populares para fins práticos, como os *Folhetos Musicais* (partituras para serem tocadas em reuniões familiares) e o *Orador do Povo* (discursos para festas familiares, batizados e

---

<sup>194</sup> GUIMARÃES, Hélio. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Edusp, 2004.

<sup>195</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p. 360.

<sup>196</sup> MAGALHÃES, Valentim. *A Literatura Brasileira, 1870-1895: notícia crítica dos principais escritores com escolhidos excertos*. Lisboa: Livraria A. M. Pereira, 1896, p. 24.

<sup>197</sup> EL FAR, op. cit., 2004.

<sup>198</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

casamentos). No ramo dos manuais de aconselhamento amoroso, além do já citado *Manual do namorado*, vendia o *Tesouro dos amantes*, “nova coleção de cartas para ambos os sexos”, e *Conselheiro dos amantes*, “nova e velha coleção de cartas amorosas”.<sup>199</sup> À medida que conquistava a preferência dos leitores, começou a editar, com sucesso, “romances de sensação”, literatura para crianças (dos quais foi um editor pioneiro no Brasil) e “leitura para homens”.

Quaresma vendia todo tipo de livro licencioso e se destaca como o mais ativo vendedor de impressos eróticos no Rio de Janeiro do fim do século. Atuava como distribuidor de material importado da Europa para livreiros de outros estados e ganhou fama por sua variada oferta de “livros baratíssimos”.<sup>200</sup> Ele tinha consciência de seu papel no novo mercado de literatura popular e usava os anúncios de jornal para zombar do elitismo das outras livrarias. A Livraria do Povo oferecia um cardápio incrivelmente variado de títulos licenciosos. Como vimos, associava abertamente os livros à pornografia e à masturbação. Quaresma provocava o público com insinuações de possuir títulos inéditos (e impublicáveis) à venda que só poderiam ser revelados na livraria. Seguia o padrão adotado por outros livreiros da *Belle Époque* e comercializava os impressos licenciosos como entretenimento leve e picante, capaz de levantar os mortos e curar os melancólicos.

Na Livraria do Povo não podia faltar o livro pornográfico mais conhecido do período: *Os serões do convento*. A primeira e mais conhecida edição, em três volumes de bolso, foi impressa na Tipografia do Bairro Alto, em Lisboa, sem endereço ou data, mas saída do prelo em torno de 1860. O sucesso do livro pode

---

<sup>199</sup> LIVROS populares. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 273, p. 4, 30 set. 1890.

<sup>200</sup> EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, v. 1, p. 89-99.

ser medido pelo número de edições clandestinas que circulavam no final do século, com pelo menos uma publicada no Brasil. Já em 1862 apareceu uma edição pirata num único volume.<sup>201</sup> No final do século, a Livraria Cruz Coutinho, no Rio de Janeiro, tinha outra edição em dois volumes ilustrados, vendidos por proibitivos 10 mil-réis. A edição original não era ilustrada. A publicação ilustrada mostra que imagens podiam ser inseridas em edições clandestinas d'Os serões do convento e de outras obras licenciosas, como o *Álbum de Caliban*, potencializando-as como livros pornográficos, feitos para serem lidos e vistos.<sup>202</sup> Fiel à sua clientela popular, Quaresma vendia por razoáveis 4 mil-réis outra edição em quatro volumes do “apetitoso livro”.<sup>203</sup>

Naquela época, o escritor pornográfico vivo mais conhecido no circuito luso-brasileiro era Rabelais, pseudônimo do escritor português Alfredo Gallis, com vendas significativas em Portugal e no Brasil.<sup>204</sup> Ele era tão famoso que os livreiros reuniam impressos pornográficos de autores variados sob o título *Obras de Rabelais*, sugerindo que seu nome era uma senha conhecida de “leitura para homens”. Todos sabiam que não se tratava do autor de *Gargântua*, mas a associação com a “lascívia triunfante” do escritor renascentista era óbvia.<sup>205</sup> Gallis oferecia uma alternativa pouco conhecida ao domínio da França no

---

<sup>201</sup> Idem, op. cit., 2004.

<sup>202</sup> ABREU, Márcia. Sob o olhar de Príapo: narrativas e imagens em romances licenciosos setecentistas. In: PESAVENTO, Sandra; PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides (eds.). *Imagens na História*. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 344-373.

<sup>203</sup> LIVROS Baratíssimos. *Gazeta de Notícias*, n. 287, p. 5, 14 out. 1889.

<sup>204</sup> MENDES, Leonardo; MOREIRA, Aline. Alfredo Gallis (1859-1910), pequeno naturalista. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 45, p. 358-385, 2021.

<sup>205</sup> BAKHTIN, op. cit.

mercado de literatura pornográfica do século XIX.<sup>206</sup> Sem a intenção de produzir obra homogênea, publicou vários volumes de contos eróticos com a assinatura de Rabelais, como *Afrodisíacas*, *Amorosas*, *Diabruras do Cupido*, *Lascivas*, *Libertinas*, *Luxúrias para rir*, *Noites de Vénus*, *Cocotes e conselheiros*, *Os crimes do amor* e *Volúpia: 14 contos galantes*, sua primeira e mais conhecida obra. Ao lado d'*Os serões do convento*, Rabelais e *Volúpia* eram rotineiramente citados na imprensa como exemplos do novo mercado de impressos eróticos.<sup>207</sup>

A primeira edição de *Volúpia: 14 contos galantes* apareceu como uma publicação semiclandestina em 1886, no Porto, sem nome de autor nem de editora.<sup>208</sup> Na segunda edição, em 1893, publicada em São Paulo, o autor Rabelais e os editores portugueses Antônio Teixeira & Irmão aparecem na primeira página. Os irmãos Antônio Maria e José Joaquim Teixeira abriram a Livraria Teixeira, em São Paulo, em 1878. Vendiam todo tipo de material impresso: livros práticos, artigos de papelaria, livros escolares, ficção estrangeira, literatura jurídica e “leitura para homens”.<sup>209</sup> No final da década de 1880, sentindo-se confiantes para entrar no ramo editorial, publicaram a segunda edição de *Volúpia* e outros sucessos do período, como o livro de estreia de Bilac, *Poesias* (1888). Continuamente disponível nas

---

<sup>206</sup> SANTANA, Maria Helena. Pornografia no fim do século: os romances de Alfredo Gallis. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, North Dartmouth, Massachusetts (EUA), n. 12, p. 235-248, 2004.

<sup>207</sup> MENDES, Leonardo. Alfredo Gallis, entre o naturalismo e o romance libertino. In: SANTOS, Gilda; ALVES, Ida; CASTRO, Andrea (orgs.). *Gentes e paisagens luso-brasileiras*. Rio de Janeiro: Numa; Real Gabinete Português de Leitura, 2022, p. 185-202.

<sup>208</sup> CUROPOS, Fernando. O Sr. Ganimedes ou a Lisboa das ruas de trás. In: GALLIS, Alfredo. *O sr. Ganimedes: psicologia de um efebo*. Lisboa: Index, 2022, p. 1-43.

<sup>209</sup> PINA, Paulo Simões de Almeida. *Uma história de saltimbancos: os Irmãos Teixeira, o comércio e a edição de livros em São Paulo, entre 1876 e 1929*. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2015.

livrarias até o início do século XX, *Volúpias* custava entre 2 mil e 5 mil-réis. Como prova do sucesso do livro, uma terceira edição foi publicada em 1906, no Porto.

Além do livro de Rabelais, os irmãos Teixeira publicaram outros *best-sellers* eróticos no fim do século, como o romance naturalista *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, um *success de scandale* que circulou como cobiçada pornografia até meados do século XX, apesar das boas intenções do autor. A longa trajetória de sucesso editorial do livro oferece um contraponto à historiografia tradicional, que vê o romance como uma obra fracassada.<sup>210</sup> *A carne* é mais bem compreendido não como um romance experimental ou um estudo de caso de histeria feminina – como propõe a historiografia –, mas como um impresso popular erótico do final do século XIX.<sup>211</sup> Ao preço de 3 mil-réis, o livro foi um acontecimento entre os estudantes de Direito.<sup>212</sup> Ganhou fama suficiente para aparecer como carro alegórico no Carnaval paulista de 1890, representado como um açougue, em alusão à sua carnalidade e fisicalidade, assim como ao escândalo que causou.<sup>213</sup> O aparecimento de *A carne* como tema de Carnaval revela sua notoriedade como impresso erótico naquela sociedade, circulando fora do circuito literário, um feito para a época.

Como *A carne*, o sucesso alcançado pelo romance *O homem*, de Aluísio Azevedo, no ano anterior, só pode ser compreendido se tomarmos o livro como outro impresso popular erótico do período. Como fizera quando publicou *O mulato* (1881), Aluísio

---

<sup>210</sup> MENDES, Leonardo. Júlio Ribeiro, naturalismo e a dessacralização da literatura. *Pensares em Revista*, São Gonçalo (RJ), n. 4, p. 26-42, 2014.

<sup>211</sup> MENDES, Leonardo; MENDES, Thales Sant'ana Ferreira. *A carne*, de Júlio Ribeiro: *best-seller* naturalista, romance libertino e “livro para homens” In: OLIVEIRA; CORREIA; CARNEIRO, op. cit., p. 97-120.

<sup>212</sup> BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: UNICAMP, 1991.

<sup>213</sup> TELEGRAMAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 51, p. 2, 20 fev. 1890.

e seus apoiadores iniciaram uma campanha de propaganda (conferências, jantares, críticas favoráveis na imprensa, notas e poemas) que apresentava de forma ambígua os sonhos da moça histérica como material erótico.<sup>214</sup> Em suas alucinações, Magdá mantinha relações sexuais com seu amante e corria pelada pelas matas de uma ilha tropical. Elementos góticos, como o casarão mal-assombrado, o vampirismo e a presença fantasmagórica do passado ajudavam a tornar o romance atraente ao grande público.<sup>215</sup> A mulher histérica era um personagem conhecido da pornografia.<sup>216</sup> Ela aparece n'*'Os serões do convento'* e em *Volúpias*, funcionando como pretexto para falar sobre sexo e sua falta. Aluísio e seus apoiadores sugeriam discretamente a chave erótica e, ao mesmo tempo, asseguravam a seriedade científica do livro. *O homem* vendeu entre 5 e 6 mil cópias em poucos meses, algo que não se vira até então.<sup>217</sup>

### ***O aborto como impresso popular erótico***

Em 1893, quando Pedro Quaresma decide publicar *O aborto*, ele esperava surfar a mesma onda de sucesso dos impressos eróticos com mais um romance naturalista local. Figueiredo Pimentel pretendia que o romance fosse ficção séria e científica, mas evoca ele mesmo a chave licenciosa no prefácio, quando reconhece que muitos o julgariam “pornográfico,

---

<sup>214</sup> MENDES, Leonardo; CAMELLO, Cleyciara. *O homem*, de Aluísio Azevedo, como *best-seller* erótico. *Alea: estudos neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 65-80, 2019.

<sup>215</sup> COSTA, Elton Silva Miranda. *As vampiras de Aluísio Azevedo: uma leitura gótica dos romances O homem (1887) e A mortalha de Alzira (1894)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – UERJ, São Gonçalo, 2023.

<sup>216</sup> PEAKMAN, op. cit.

<sup>217</sup> MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

imoral e dissoluto".<sup>218</sup> Quatro anos antes, a obra circulara em folhetim no jornal *Província do Rio*, de Niterói, onde se passa a história, supostamente baseada em fatos. Fazendo referência ao artigo do Código Penal do Império que criminalizava o aborto, chamava-se *O artigo 200*. Contava a vida de Maria Rodrigues (Maricota), de 17 anos, de Rio Bonito (RJ), que, junto com os pais, muda-se para Niterói nos últimos anos da Monarquia, em busca de uma vida melhor. Descreve de forma direta e franca as consequências de uma gravidez indesejada (com o primo Mário), interrompida por um aborto que leva a menina a sangrar até a morte, com referências explícitas a urina, menstruação, orgasmos e preservativos. A publicação causou um alvoroço em Niterói.<sup>219</sup> Depois que o escritório do jornal foi inundado com cartas de reclamação e assinaturas canceladas, Figueiredo Pimentel foi forçado a reescrever o final da história e transformá-la num melodrama.

Para Quaresma, que publicou *O artigo 200* sem cortes e com novo título sensacionalista, essas percepções eram promessa de boas vendas. A partir de janeiro de 1893, começou a divulgar nos jornais a iminente publicação do "empolgante romance naturalista" de Figueiredo Pimentel. Quando o livro chegou às livrarias, em março, por módicos 2 mil-réis, Quaresma publicou uma nota reafirmando o vínculo do autor com outros escritores naturalistas, como Zola e Paul Bonnetain, cujo romance sobre masturbação, *Charlot s'amuse* (1883), levou-o a ser processado por atentado ao pudor em 1885. Como era de se esperar, *O aborto* se tornou um grande sucesso (Fig. 10). O editor alegou ter vendido 5 mil cópias somente no primeiro mês de publicação.<sup>220</sup> Isso poderia ser um exagero com o objetivo de

---

<sup>218</sup> PIMENTEL, Figueiredo. Prefácio indispensável. *O aborto*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 21.

<sup>219</sup> CATHARINA, Pedro Paulo. De *O artigo 200* a *O aborto*: a trajetória de um romance naturalista. *Letras*, Santa Maria (RS), v. 23, p. 37-58, 2013.

<sup>220</sup> GRANDE Sucesso. *O País*, Rio de Janeiro, n. 4009, p. 5, 29 abr. 1893.

aumentar as vendas, mas um dos cinco volumes conhecidos da primeira edição prova que houve ao menos 7 mil exemplares. *O aborto* impactou toda a sociedade brasileira, e muitos pensavam que seu aparecimento era um caso de polícia.<sup>221</sup> Convencida do valor comercial do livro, até a elegante Livraria Garnier o tinha em estoque.

Fig. 10: Anúncio de *O aborto*, “romance realista no estilo de Zola”.



Fonte: Diário de Notícias, Rio de Janeiro, n. 2843, p. 4, 27 abr. 1893.

Como esperado, os homens de letras repudiaram o romance como vulgar e imoral. A palavra “pornografia” foi usada repetidas vezes pelos letrados como forma de rebaixar o livro. Em uma crítica ambígua que evitava citar o título do romance em respeito aos leitores (mas também para incitá-los), Coelho Neto fez a ligação com a literatura libertina, escrevendo que *O aborto* tinha o sabor picante das histórias do Marquês de

<sup>221</sup> VIEIRA, op. cit., 2015.

Sade.<sup>222</sup> Valentim Magalhães reduziu o romance a literatura pornográfica, indigna de aparecer em uma coluna de jornal.<sup>223</sup> Em 1895, numa resenha de *Um canalha* (1895), segundo romance de Figueiredo Pimentel, Artur Azevedo relembrava a indignação causada pelo aparecimento de *O aborto* dois anos antes e o comparou a *Os serões do convento* em termos de ousadia.<sup>224</sup> O próprio Figueiredo Pimentel havia associado os dois livros no prefácio como forma de negar suas semelhanças, quando (aos olhos do público) apenas confirmava seu parentesco.

*O aborto* produz sua própria lista de livros eróticos, na qual o romance de Figueiredo Pimentel reverbera como uma obra da mesma estirpe. Mário tem um baú onde guarda uma pequena biblioteca reservada. Quatro livros eram romances naturalistas: *Nana*, *O homem*, *A carne* e *O crime do Padre Amaro*. Além do romance de Eça de Queiroz, outro título editado pela Biblioteca Galante da *Gazeta de Notícias* podia ser encontrado no baú: *Esposa e virgem*, de Adolphe Belot. Lá também estavam os favoritos da época: *Os serões do convento* e *Volúpias: 14 contos galantes*, de Rabelais. Tanto Mário quanto Maricota interagem com os livros, juntos e separados. Ela se transforma à medida que se familiariza com eles, “reparando em vários episódios que não compreendia bem, mas onde pressentia grandes imoralidades. Apreciava-os somente pelo lado da bandalheira”.<sup>225</sup> Do mesmo modo poder-se-ia apreciar o romance de Figueiredo Pimentel. Na crítica demolidora de

---

<sup>222</sup> CALIBAN [Coelho Neto]. O Ab... (por Figueiredo Pimentel). *O País*, Rio de Janeiro, n. 3976, p. 1, 26 mar. 1893.

<sup>223</sup> V. M. [Valentim Magalhães]. Semana Literária. *A Notícias*, Rio de Janeiro, n. 292, p. 1, 20 nov. 1895.

<sup>224</sup> A. A. [Artur Azevedo]. Palestra. *O País*, Rio de Janeiro, n. 3964, p. 1, 9 ago. 1895.

<sup>225</sup> PIMENTEL, op. cit., p. 72.

Magalhães de Azeredo, *O aborto* era comparável a *Volúpias: 14 contos galantes*, em termos de depravação moral.<sup>226</sup>

Em *O aborto*, *A carne* era o livro mais novo da coleção do estudante, recém-saído do prelo. Ele aparece no capítulo V do romance, quando Mário nota que Maricota o desejava. O rapaz não queria ser desleal com os tios. Ao mesmo tempo, sentia que não poderia resistir por muito tempo à ronda da prima. Resolveu ler algo para se distrair:

Deitado, tomou ao acaso o primeiro livro que encontrou – *A carne* [...]. Prenderam-lhe fortemente a atenção aquelas páginas escritas no mais correto vernáculo, mas de estilo pesado. O autor, notável filólogo, revelava uma erudição assombrosa, variadíssima, em todos os ramos dos conhecimentos humanos. [...] *A carne*, por mais arte que tivesse, excitava-lhe o organismo, despertando-lhe a sensualidade, aculeando-lhe os desejos.<sup>227</sup>

*O aborto* era mais ousado do que *A carne* e outros livros da coleção pornográfica do estudante. Ao optar pela linguagem e termos científicos para descrever processos fisiológicos e partes do corpo físico, a ficção naturalista era mais realista e fotográfica do que o romance libertino. Uma novidade perturbadora do naturalismo foi explorar o sentido do olfato (o mais reprimido na vida em sociedade) e introduzir odores na ficção, especialmente aqueles considerados desagradáveis e, portanto, coibidos pelo decoro. Aspectos da fisiologia humana relacionados às partes íntimas do corpo – urina, fezes, gazes digestivos, esperma, saliva, suor e fluxo menstrual – remetiam ao obsceno, mesmo que não estivessem diretamente associados ao sexo nas narrativas.<sup>228</sup> Na sua resenha ao romance *La Terre*, citada anteriormente, Arthur Azevedo criticou Zola por

---

<sup>226</sup> AZEREDO, Carlos Magalhães de. Homens e Livros. *O aborto*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 183, p. 1, 3 jul. 1893.

<sup>227</sup> PIMENTEL, op. cit., p. 65.

<sup>228</sup> PEAKMAN, op. cit.

descrever personagens soltando gases. Eram temas escandalosos em si mesmos, até então indisponíveis em impressos baratos de grande circulação. Ao romper com as regras do decoro, criavam espaços mentais transgressivos e aproximavam o leitor do próprio corpo, “ativando a vontade”.

Figueiredo Pimentel não descreve as mecânicas sexuais tão detidamente quanto o Rabelais português (ou mesmo M. L. em *Os serões do convento*), mas vai direto ao ponto e chama as coisas pelo que são, de forma objetiva e franca, sem eufemismos ou metáforas libertinas. Por tal crueza e realismo de linguagem, o romance naturalista era ocasionalmente percebido como mais vulgar e chocante – digamos, mais pornográfico – do que o romance libertino. Na França, a linguagem chula de Zola foi um dos primeiros focos de repúdio ao naturalismo na elite letrada.<sup>229</sup> Entretanto, para outros leitores, especialmente os jovens, tal linguagem atrevida era surpreendente e liberalizante. Com um título sensacionalista que remetia diretamente ao sexo e seu acobertamento criminoso, *O aborto* potencializa o consumo pornográfico a níveis de audácia a que não se atreveram outros naturalistas, conforme opinou Araripe Júnior, para quem a obra era “cheia de ousadias pornográficas” que assustariam “o mais atrevido dos naturalistas”.<sup>230</sup>

A descrição fria de processos fisiológicos ligados ao estômago e aos rins foi uma novidade chocante do naturalismo, ligando a estética ao baixo corporal rabelaisiano. Salvo engano, *O cortiço* foi o primeiro romance brasileiro a mostrar pessoas indo ao banheiro. Na descrição do amanhecer na estalagem, o narrador nota o entra e sai nas latrinas.<sup>231</sup> Figueiredo Pimentel descreve Mário urinando duas vezes. Antes da chegada de Maricota, na primeira noite, incomodado com a leitura d'*A carne*,

---

<sup>229</sup> BAGULEY, op. cit.

<sup>230</sup> ARARIPE JR., Tristão de Alencar. Retrospecto literário do ano 1893. *A Semana*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 2, 8 set. 1894.

<sup>231</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Hedra, 2013, p. 74.

o estudante resolve dormir: “Tomou primeiramente o urinol de ágata debaixo da cama, estendendo o braço, e, assim mesmo deitado, pôs-se a mijar forte, fazendo barulho”.<sup>232</sup> Noutra ocasião, ao acordar depois de uma noite de bebedeira na Rua do Ouvidor, sorve a água do pote ao lado da cama: “Cheia a bexiga, doiá-lhe os rins; urinou por muito tempo com força, em grandes jatos, e ficou com o vaso nas mãos, deixando sair o líquido de uma bela cor de âmbar claro, ora a pingar, ora a escorrer fino, num esguicho tênue”.<sup>233</sup> No primeiro momento, a opção por “mijar” rebaixa o personagem (e o romance), em contraste com o “urinar” do segundo momento, que, apesar de neutro e clínico, era indecoroso num texto literário.

O pênis de Mário aparece uma terceira vez em *O aborto*, na primeira noite com Maricota: “Mário sentiu-se mal, com febre, atordoado, ao mesmo tempo deslumbrado pela beleza da moça. Invadiu-lhe de súbito um grande desejo de cópula, preso de uma potência desenfreada, com o pênis teso, ereto, repuxando a colcha”.<sup>234</sup> Com grande audácia, Figueiredo Pimentel descreve um membro masculino ereto, usando a palavra neutra pênis – e não metáforas libertinas apaziguadoras como “flecha do cupido” ou “instrumento da criação”. O priapismo (ode ao falo) é uma marca reconhecível da pornografia, mas não é comum no naturalismo canônico. Em *O cortiço*, o limite do narrador é dizer que, diante da irresistível mulata Rita Baiana, o sangue do cavouqueiro Jerônimo “se revolucionou”.<sup>235</sup> É uma referência tão discreta a uma ereção que passa despercebida para muitos leitores. Já o pênis teso e ereto de Mário, indiscretamente repuxando a colcha – experiência que muitos leitores reconheceriam – é uma marca licenciosa incontornável de *O aborto*. Tal representação objetiva e realista do órgão sexual

---

<sup>232</sup> PIMENTEL, op. cit., p. 66.

<sup>233</sup> Idem, ibidem, p. 76.

<sup>234</sup> Idem, ibidem, p. 67.

<sup>235</sup> AZEVEDO, op. cit., p. 139.

masculino, em tal estado, era especialmente incômoda para a cultura letrada e só cabia, à época, no discurso pornográfico.

Ainda no domínio dos fluidos corporais, a menstruação de Maricota obtém tratamento semelhante ao que se vê em *A carne* e outros romances naturalistas. No romance de Júlio Ribeiro, Lenita trata a menstruação como um processo fisiológico banal. Pardal Mallet dispensa o mesmo tratamento ao tema no romance *Lar* (1888), no qual o fluxo menstrual de Sinhá é introduzido sem alarde ou mistério. Aluísio Azevedo desenvolve consideravelmente o tema n'O *cortiço*, transformando a aguardada primeira menstruação de Pombinha num evento catalizador de grandes transformações na narrativa.<sup>236</sup> Conforme a prática naturalista, Figueiredo Pimentel dá um tratamento frio à primeira menstruação de Maricota, num relato clínico que talvez fosse rara fonte de informação sobre o assunto. Maricota não tinha problema em ficar menstruada e, como Lenita e Sinhá, não tinha vergonha de falar sobre o assunto. O romance registra a expressão popular “estou de paquete”, que associava o ciclo da menstruação à regularidade mensal da chegada dos paquetes vindos da Europa, no início do século XIX:

Semanas após haver completado os treze, apareceu-lhe pela primeira vez o fluxo catamenial.

Não se admirara, nem de leve, ao ser menstruada. Sentira uma grande dor de barriga – rápida e violenta cólica – que julgara puramente intestinal, proveniente de uma indigestão devida a frutas verdes, aciduladas, que na véspera comera com abundância.

Correu para o urinol. E, ao levantar o vestido e as saias, viu uma onda de sangue púrpura escorrer-lhe pelas grossas coxas abaixo e tingir-lhe a camisa de uma larga mancha vermelha.

Já esperava ser “incomodada” qualquer dia, embora não contasse com isso tão cedo.

---

<sup>236</sup> MENDES, Leonardo. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2000.

Passado o primeiro momento de natural surpresa e comoção, meio encalistrada, levemente enrubesida, saiu do quarto, contente a correr. Dirigiu-se à casa vizinha e foi contar às filhas do Meirelles “que também já era moça, que lhe havia vindo o ‘paquete’ havia poucos minutos” – a elas que andavam sempre a zombar, chasqueando “que Sinhá ainda não era mulher, não lhe tinha ainda aparecido o ‘incômodo’, não podia parir”.<sup>237</sup>

Depois, já em Niterói e amante do primo, o assunto retorna:

A vista dos seios túrgidos da moça, o farmacêutico não resistiu. Um desejo de cópula, violento, bestial, acendeu-se subitâneo no seu organismo. Avançou para a prima, arrebentou-lhe o cós do vestido, despedaçou-lhe a camisa, ensanguentada ligeiramente por um resto de menstruação.

Maricota apareceu nua, inteiramente nua, à entrada do quarto, à luz fosca do lampião quase extinta, bela, divina, escultural. O primo deitou-a nos braços, como uma criança, segura pelas curvas das pernas, apoiada ao ombro a cabeça, e atirou-se com ela sobre a cama, arrebentando os botões da calça.

“— Não, Mário, eu estou de paquete”, gemeu.

Maricota, oferecendo uma fraca resistência, agarrando-o com os dois braços ao pescoço, estreitando-o, chamando-o para si, beijava-o, enterrando-lhe a língua até a garganta, num espasmo de gozo.<sup>238</sup>

Como Naná e Lenita, Maricota protagoniza, no imaginário da época, uma história de prostituta. Desde cedo, em Rio Bonito, fora menina abordável e falante: “Leviana em excesso, namoradeira, dava corda a todos aqueles que a procuravam, sem distinção, quem quer que fosse, desde os chefes de trem e bagageiros até o promotor público”.<sup>239</sup> Em Niterói, com pouco tempo de convivência Mário compreendeu seu caráter:

---

<sup>237</sup> PIMENTEL, op. cit., p. 30.

<sup>238</sup> Idem, ibidem, p. 106.

<sup>239</sup> Idem, ibidem, p. 30.

“Leviana, estouvada, namorando sem conta todos os rapazes, tendo herdado do pai todas as fraquezas e o mesmo gênio volúvel”.<sup>240</sup> Satisfeita na própria pele, Maricota tem a mesma coragem de Lenita (e outras mulheres libertinas) e vai ao quarto do primo, sem medo ou culpa. Como no caso do pênis ereto do estudante, o orgasmo triplo da primeira noite testava os limites entre o naturalismo e a pornografia:

Era tarde. Todos dormiam em casa. Tinha em seu quarto uma mulher bonita, apetitosa, que o amava loucamente, a ponto de vir procurá-lo, desatinada. E fazia esforços para não se erguer rapidamente, e sem que ela pudesse evitar, agarrá-la, atirá-la ao chão, num ímpeto brutal, selvagem, despedaçar-lhe a camisa, e gozá-la nos espasmos do prazer delirante.

Conteve-se, entretanto.

Então a rapariga, sempre serena, apoiando a mão direita no colchão, inclinou-se, fazendo saltar os seios rijos, turgentes, pela gola larga da camisa, e deu-lhe um beijo na testa.

Não pôde mais. Um tremor convulso abalou-lhe o corpo inteiro, arrepiando-o todo, como um *frisson* de febre, lambendo-lhe finamente a epiderme, numa carícia áspera e suave, de dor e prazer, ao longo da espinha dorsal. Sentiu assim como se alguém lhe houvesse, com férrea manopla, dado um grande murro sobre o crânio. Ouviu um ruído subterrâneo, prolongado. Zuniam-lhe os ouvidos. Os olhos viam pequeninas fagulhas, chispando rubras em fundo trevoso.

Em nada pensou. Desvairado, alucinado, louco, agarrou-a pela cintura, arremessou-a brutalmente sobre a cama, forçou-lhe as pernas resistentes, separando-as, e, deitado por cima, beijando-a, mordendo-a, enterrando-lhe a língua na boca até quase a garganta, abraçando-a com frenesi, num longo e estreitado aperto, gozou-a uma vez... duas vezes... três vezes.<sup>241</sup>

Maricota também tinha opinião formada sobre o primo: “Julgava-o tímido, timorato, pouco ousado para com as

---

<sup>240</sup> Idem, *ibidem*, p. 55.

<sup>241</sup> Idem, *ibidem*, p. 67.

mulheres". Há muito tempo o desejava, sem que ele notasse: "Admirara-se até como ele se atrevera a gozá-la naquela noite, não continuando a fingir que dormia".<sup>242</sup> Achou que a primeira noite não fora grande coisa, deixando-a dolorida, mas sabia que era assim. Por isso ansiava pela próxima oportunidade, quando "deve[ria] ser completo o prazer".<sup>243</sup> Uma amiga da Escola Normal lhe contara que havia vinte modos de fazer. Mas Mário se acovarda depois da primeira vez e só retorna da Corte vários dias depois: "“Que tolo!” pensou. ‘Ainda está envergonhado e procura evitar-me, quando, se quisesse, poderíamos estar juntos todas as noites. Deve ser tão bom!”".<sup>244</sup> Depois que retomam os encontros, Maricota passa um período apaixonada pelo primo. Sonha que se casariam e seriam felizes juntos. Mas logo se desilude e descobre que não o amava: "entregara-se a ele, bestamente, inconscientemente, desejando-o apenas na qualidade de HOMEM. Via que não se casariam, porque não só o primo também não a amava, mas ainda porque nutria as esperanças de um casamento rico".<sup>245</sup>

Mário nunca amou Maricota. Por algumas semanas andou deslumbrado com a prima e chegou a lhe dedicar versos, mas era-lhe deprimente a perspectiva de abrir uma botica em Niterói e virar marido de professora: "“– Fora o diabo o que acabara de suceder!” [...] ‘Agora estavam destruídos todos os sonhos de ambição que esperava um dia realizar’".<sup>246</sup> Conforta-se com a ideia de que havia sido seduzido por ela e, sendo homem, não poderia negar: "“Tolo seria eu, se visse aberto um entrepernas de mulher bonita e fugisse. Se pensa que me caso com ela, está redondamente enganada. Um sebo!”". Planejava se casar com uma mulher rica e influente e fazer carreira política na Corte. Ou

---

<sup>242</sup> Idem, *ibidem*, p. 72.

<sup>243</sup> Idem, *ibidem*, p. 73.

<sup>244</sup> Idem, *ibidem*, p. 73.

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*, p. 98-99 (maiúsculas no original).

<sup>246</sup> Idem, *ibidem*, p. 68.

voltar para a terra natal, Campos, onde se casaria com uma moça de família importante de fazendeiros da região. Outra ambição secreta era ingressar na Faculdade de Medicina depois de formado em Farmácia e fazer fortuna como médico. Tudo menos “casar-se, ter filhos, e viver na lama, como o [boticário] *Urso branco*, fazendo apenas para não morrer de fome”.<sup>247</sup>

Depois de formado, por falta de opção melhor, Mário acaba ficando em Niterói e aceita a sociedade do interesseiro Bode Velho numa botica no Lago do Marrão, mas não se casa com Maricota. Com a mãe morta e o pai falido e louco, a moça aceita a proteção do advogado libertino. Não se deita, entretanto, com ele. Mário e Maricota se tornam amantes. Até o final do romance, a despeito das fantasias de se tornar prostituta, o primo foi o único homem que Maricota conheceu. Desde a primeira noite, os jovens temiam uma gravidez indesejada. Ao falar sobre remédios abortivos e aventar o uso de preservativos para evitar a concepção, o livro disseminava valiosa informação, difícil de encontrar em outro lugar, sobre o sexo e a prevenção (ou interrupção) da gravidez:

O diabo será se vier um filho entornar o caldo e eu tenha de fazê-la beber um remédio para abortar. Olha o art. 200 do código criminal, de que nós tantas vezes caçoávamos, uns com os outros, durante as palestras! Mas hei de ter cuidado... e as camisas de Vênus não se fizeram para outra coisa.<sup>248</sup>

Ao final, quando se vê grávida, Maricota pede ajuda ao primo e lhe pergunta sobre algum remédio que interrompesse a gestação. Ciente de que estava cometendo um crime, Mário diz que havia alternativas, mas lhe pede segredo:

---

<sup>247</sup> Idem, *ibidem*, p. 68.

<sup>248</sup> Idem, *ibidem*, p. 79.

- Tenho muitos [remédios], embora não haja realmente abortivos. A única coisa infalível é o punctionamento do óvulo, mas a isso não me atrevo: é uma operação arriscadíssima...
- Mas um xarope qualquer, um remédio caseiro?
- É o que vou ver... Olhe que é uma coisa grave o que vamos fazer. A lei pune os abortos provocados, no Artigo 200 do código criminal. Sabemos bem disso, porque, na Escola, muitas vezes caçoávamos uns com os outros. Escuso de te recomendar todo segredo.
- E não há perigo?
- Não, absolutamente nenhum. Deixa estar que arranjarei tudo da melhor forma possível. Em todo caso, acalma-te.<sup>249</sup>

Para provocar o aborto, Mário recorre a uma beberagem chamada “cozimento de sabina”. O nome científico da planta de onde se extrai o xarope é *Juniperus sabina Linnaeus*, da família das cupressáceas, espécie de arbusto semelhante aos ciprestes. Por sua propriedade emenagoga (restabelecer o fluxo menstrual), a planta é procurada para a prática do aborto até hoje, apesar de conter substâncias tóxicas que envenenam o organismo da gestante, provocando hemorragias que podem levar a óbito, como ocorre com Maricota.<sup>250</sup> Sem saber o que fazer, Mário abandona a cena trágica. Estarrecido, o Bode Velho entende o que estava acontecendo, corre para chamar um médico, mas era tarde: “Quando chegou, Maricota, deitada numa poça de sangue, suspensa a camisa, arreganhadas as pernas, pálida, muito pálida, virou os olhos amortecidos e expirou”.<sup>251</sup> Ia fazer 18 anos. Se Mário tivesse um exemplar de *O aborto*, seu lugar também seria o baú de livros eróticos.

---

<sup>249</sup> Idem, *ibidem*, p. 129.

<sup>250</sup> VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Ludibriando a natureza: mulheres, aborto e medicina. *História: Questões & Debates*, n. 47, p. 43-64, 2007.

<sup>251</sup> PIMENTEL, op. cit., p. 132.



## Considerações finais

O estudo do fenômeno da “leitura para homens” permite discernir uma emergente cultura moderna de impressão e leitura no Brasil da *Belle Époque* que foi negligenciada pela historiografia tradicional. Como Samah Selim argumenta a propósito dos estudos do Oriente Médio, a literatura do final do século XIX e início do século XX “foi quase exclusivamente construída em torno da genealogia de uma cultura política e intelectual estreita e elitista”.<sup>252</sup> De modo semelhante, no Brasil e em Portugal, porque contornavam a construção de um cânone novelístico nacional e desafiavam definições clássicas de literatura como arte austera e edificante, os livros para homens foram ignorados, atacados e até suprimidos, tornando-se, como *O aborto* e o *Álbum de Caliban*, raridades bibliográficas.

Para estudar e compreender a “leitura para homens”, devemos abandonar convenções românticas e elitistas que celebram a centralidade da autoria e o papel da literatura como discurso reformador e crítico ao *status quo*. Em vez de emanar da imaginação ou do talento individual do escritor, os enredos, peripécias, personagens e coreografias sexuais vinham de um reservatório comum de narrativas burlescas e libertinas, antigas e atuais, que circulavam na imprensa e nas livrarias. Os títulos das obras, sempre publicadas sob pseudônimos (com exceção da ficção naturalista, que se apresentava como literatura séria), eram mais importantes do que suas origens e seus autores. A

---

<sup>252</sup> “has been almost exclusively constructed around the genealogy of a narrow, elite political, and intellectual culture”. SELIM, Samah. The People’s Entertainments: Translation, Popular Fiction, and the Nahdah in Egypt. In: SCHILDGEN, Brenda Deen; ZHOU, Gang (eds.). *Other Renaissances: A New Approach to World Literature*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 36 (tradução nossa).

descrição da atividade sexual suplantava considerações sobre a cor local e o caráter nacional.

Como alternativa ao romance realista burguês contemporâneo, valorizado pela elite letrada oitocentista e pela historiografia literária do século XX, a “leitura para homens” apresentava anedotas picantes, quadras rimadas, breves contos brejeiros e picarescos, narrativas molduras e historietas decadentes. Em vez do mundo austero e hostil retratado no realismo burguês, a “leitura para homens” oferecia uma literatura do prazer e da abundância, uma fantasia de conexão erótica com a matéria. Não havia dificuldades econômicas e nem crise do sujeito burguês desiludido. Comercializados como entretenimento leve e desopilador, a “leitura para homens” proporcionava uma fuga da realidade, enquanto o romance realista pregava o engajamento com a realidade nacional.

A popularidade da “leitura para homens” na *Belle Époque* indica um local alternativo de articulação do moderno na história da leitura no Brasil, não mais baseado no romance burguês europeu aclimatado ao Brasil, como propõe a historiografia tradicional, mas na produção de impressos eróticos baratos, mais propícia ao consumo popular do que aos engajamentos literários da elite. Enquanto os letrados lamentavam a falta de leitores e afirmavam que o naturalismo era uma estética brutal e fracassada, fadada a desaparecer, os livreiros celebravam o que vivenciavam como a ascensão do impresso popular erótico, vendendo livros naturalistas e pornográficos por um lucro considerável, enquanto gratificavam milhares de leitores com seus enredos picantes.

## Sobre o autor

**Leonardo Mendes** é doutor em Letras pela Universidade do Texas em Austin (EUA) e professor titular do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e do Programa Prociência FAPERJ. É membro dos grupos de pesquisa ARS – Arte, Realidade, Sociedade (FBN/CNPq) e LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* (UERJ/FAPERJ). É organizador do livro *Figueiredo Pimentel, um polígrafo na Belle Époque* (São Paulo: Alameda, 2019) e autor de artigos em periódicos indexados da área, dentre os mais recentes: Contos naturalistas da Guerra do Paraguai (*Matraga*, n. 63, 2024); Pedro de Castro do Canto e Melo e o “naturalismo retardatário” (*Gláuks online*, n. 24, 2024); *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo, ou “como conservar o amor sexual” (*Via Atlântica*, n. 43, 2022); Pardal Mallet, naturalismo e modernidade no Brasil oitocentista (*Graphos*, n. 24, 2022). Seus interesses de pesquisa são a prosa de ficção luso-brasileira de 1870 a 1920, naturalismo literário em perspectiva transnacional, história do livro e literatura pornográfica.



Em 2025, o LABELLE — Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque — completa uma década de atividade ininterrupta, seja na forma de eventos acadêmicos, seja na forma de artigos e livros, parte deles disponibilizada no portal eletrônico. Durante esse período, numerosos pesquisadores nacionais e estrangeiros se somaram a este grupo de pesquisa, colaborando decisivamente para o resgate de obras, o diálogo com a crítica e a renovação das perspectivas de estudo. Para celebrar nosso aniversário, a coleção Ensaios Labelle - 10 Anos dá a público livros autorais produzidos por diversos colaboradores, membros do laboratório. Fica aqui o convite para que os leitores conheçam e divulguem esses e outros trabalhos.

Visitem: <https://labelleuerj.com.br/>



Fundaçāo Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



10 ANOS

